

# O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Estudo de eclesiologia e de história social

(Conclusão)

## CAPÍTULO X

---

### O PROTESTANTISMO BRASILEIRO ATUAL: NOVOS CAMPOS DE AÇÃO E NOVAS FORMAS

Os problemas eclesiásticos e as discussões teológicas que examinamos até agora, correspondem a um estado de maturidade das zonas geográficas e sociais mais antigas do protestantismo brasileiro. Essa maturidade, por sua vez, o aproxima das experiências das velhas igrejas européias e norte-americanas, inspirando-lhe uma certa inclinação para as mesmas experiências. Se a sua história atual se limitasse apenas a essas zonas, o seu interesse seria, além de limitado, talvez melancólico — o de uma “arte de envelhecer”, certamente difícil, mas sem grande originalidade. Entretanto, nas novas zonas que se abrem ao protestantismo brasileiro, apresentam-se os seus problemas típicos de juventude e, até mesmo, de primeira infância. Ao lado de um protestantismo velho, preocupado com o estudo das deficiências de sua máquina eclesiástica e com problemas teológicos, há um protestantismo novo, de conversão, evangelização e conquista, e que aparece, ou nas regiões atualmente abertas à cultura, ou em novas classes da sociedade brasileira, especialmente no proletariado urbano. No primeiro caso, as modalidades do aparecimento e desenvolvimento desse protestantismo novo em nada diferem do que foram nas zonas pioneiras de cinquenta anos atrás; no segundo, em condições inteiramente inéditas, revelam-se manifestações espirituais e eclesiásticas originais.

**As novas zonas pioneiras do protestantismo brasileiro.**

Uma das mais convincentes provas de juventude que uma religião pode oferecer, é o proveito que tira de seus primitivos núcleos. É com inquietude que vemos, nos velhos protestantismos, o despovoamento desses núcleos. ou desses viveiros, pela atração das cidades e das diversas correntes econômicas e sociais, pois a experiência não nos permite afirmar que os elementos da “diáspora” assim constituída, habituados

a uma vida confessional, senão religiosa, grupada, manterão a fé por si mesmos, ou dela se tornem propagandistas. Na França, por exemplo, uma organização missionária (inteiramente nacional, como tôdas as obras religiosas dêsse país), a Sociedade Central Evangélica, trabalha no reagrupamento dêsses dispersos, fazendo, de alguns dêles, o centro de novas igrejas. Nos protestantismos jovens, como no tempo da Reforma, o congregamento de fiéis que verdadeiramente têm direito a êsse título, se faz pelo congregamento de sua fé. Muitas vêzes não se trata de um congregamento, e a imagem, mais modesta, de centelha, é a mais própria; mas da centelha que atea um incêndio. Foi assim, como vimos, que o protestantismo se expandiu no Brasil, desde seu aparecimento neste país, pelo menos tanto quanto pelo trabalho dos missionários. É assim que continua a desenvolver-se, graças a seus dois grandes dons: zêlo pela evangelização e uma organização eclesiástica apropriada.

A evangelização é a característica do Brasil protestante. Há países nos quais esta notícia provoca sorrisos, nos quais a evangelização não é bastante apreciada, reduzindo-se a grandes reuniões espetaculares ou ao devotamento isolado de alguns grupos de especialistas entre os meios e bairros operários. Há cinquenta anos atrás, tôdas as paróquias francesas de certa importância e de alguma vida possuíam seu "trabalho" ou "sala de evangelização" em cuja atividade trabalhavam os fiéis: a ideologia religiosa moderna, mais teológica e facilmente eclesiólatra, já não mais se preocupa com ela, mesmo que não considere, êsse zêlo de outrora, como tendência herética à "sinergia", à colaboração com um Deus que não necessita do homem para salvar àquêles que elegeu para a salvação. Seria injusto, aliás, julgar precipitadamente essa atitude, vendo nela apenas uma prova de tibieza espiritual, como o fazem, algumas vêzes, os protestantes brasileiros conhecedores dessa situação (1). A prova de que não se trata aquí, necessariamente, de frouxidão, parece residir no fato de que, nesse país, a própria evangelização salvacionista parece diminuir em ardor e eficácia — e jamais poderíamos imaginar um salvacionista sem fervor. A explicação mais comum dada pelos amigos da evangelização, é a de que ela se torna cada vez mais difícil pela ignorância e falta de sêde espiritual das multidões européias. Acrescentemos que a evangelização esgota rapidamente os movimentos e indivíduos que a ela se dedicam.

Nos países que não permitem constante recrutamento e um avanço ininterrupto, uns e outros experimentam a necessidade de

---

(1). — A êsse respeito há reservas a fazer sôbre alusões feitas pelo Rev. Benjamim César, ao protestantismo francês, em muitos de seus artigos. Se não temos o direito de impor às Igrejas brasileiras as experiências das Igrejas francesas, não podem aquelas julgar suas irmãs do velho continente em nome de suas circunstâncias religiosas próprias.

refazer-se, e, assim, a épocas de intensa atividade, sucedem-se períodos de aparente inércia, que podem constituir períodos de meditação e enriquecimento espiritual. Os países novos permitem, se assim podemos dizer, uma evangelização "a fogo contínuo", pelo fato de oferecerem, constantemente, novos campos de trabalho e novos obreiros, recentemente convertidos e tomados pela flama do primeiro amor. É o caso do protestantismo brasileiro, nas regiões e zonas sociais e eclesiásticas que ainda não se encontram esgotadas, nem mesmo pròpriamente abertas à cultura.

Vimos a importância atribuída, pelos missionários americanos, à evangelização indireta, pelas instituições de ensino destinadas a crianças não protestantes, e as graves reservas feitas, a êsse respeito, principalmente por Eduardo Carlos Pereira e os batistas do "Movimento do Norte". Não nos parece que o correr dos tempos haja diminuído o valor dessas reservas (2). A impossibilidade de recrutar exclusivamente entre os crentes os professores d'esses colégios, e a neutralidade, ou, pelo menos, a discreção confessional que acarreta a presença de alunos de outras religiões conduz, quase fatalmente, à diminuição do nível espiritual dessas espécies de estabelecimentos (3). Atualmente, aliás, sofrem êles grande concor-

- (2). — Relativamente ao mais conhecido d'esses grandes colégios, um velho pastor presbiteriano, antigo adversário de Eduardo Carlos Pereira, afirmava, recentemente, sua posição, num artigo entitulado "O Instituto Mackenzie é evangélico de fato" (*Puritano* 23-3-50), embora não possamos afirmar que sua situação atual seja não obstante os sentimentos pessoais de seu eminente diretor, presbítero de uma Igreja presbiteriana, e de muitos de seus professores — a mesma de 1903. A atividade diretamente protestante reduz-se, nele, a um grupo da União Cristã de Estudantes do Brasil. A ambição de torná-lo uma "Universidade Evangélica", entretanto, reaparece de tempos a tempos.

Essa ambição iria de encontro à iniciativa da abertura (ainda em projeto) de uma "Universidade Evangélica do Brasil" tomada pelos metodistas, com a nomeação antecipada de um reitor: esperando que essa Universidade metodista seja realizada, seus partidários reclamam a construção de uma Faculdade de Filosofia, igualmente americano-metodista. Vimos, entretanto, que, nessa própria denominação, os grandes colégios dos quais ela se orgulha possuem adversários. Realmente, não parece que ela receba muitos prosélitos.

- (3). — A situação é diferente nos grandes colégios batistas. Neles, os alunos não protestantes constituem maioria, como provam as seguintes cifras, de 1947, tomadas nas Atas da Convenção Batista de 1947, referentes aos Colégios de Recife e de São Paulo (o do Rio, com 2.089 alunos, não forneceu cifras semelhantes):

	Colégio de Recife	Colégio de São Paulo
Total de alunos .....	1.015	774
Batistas .....	244	92
Presbiterianos .....	56	
Congregacionistas .....	12	
Pentecostais .....	8	130
Luteranos .....	4	
Anglicanos .....	3	
Adventistas .....	1	
Total de protestantes .....	328	222
Católicos .....	542	224
Ortodoxos .....		11
Israelitas .....	39	45
Espíritas .....	17	12
Racionalistas (materialistas) ..	1	2
Sem declaração religiosa ....	91	231

rência por parte dos colégios públicos. De modo que, muitos dentre eles, são mais norte-americanos que evangélicos: pode residir aqui, dadas as circunstâncias presentes, uma razão de êxito, mas não vemos em que êsse êxito auxilie o desenvolvimento do protestantismo local (4), que se explica, antes, pelos maiores proveitos

O efetivo menor do Colégio de São Paulo tem como causa a existência, nessa cidade, de outros estabelecimentos mais ou menos evangélicos, principalmente o Mackenzie e a Escola alemã. A proporção muito maior em São Paulo (1/3) que em Recife, de alunos sem religião, é característica da situação espiritual geral do Brasil, onde o Sul e, em particular, o Estado de São Paulo, muito mais europeizado, é, também, menos crente que o norte.

O grande número de alunos não protestantes desses estabelecimentos é testemunha do crédito que eles desfrutam entre a população (como os outros Colégios batistas do Rio, Belo-Horizonte, Vitória, etc.) e que lhes oferece belas possibilidades do ponto de vista de sua influência religiosa. Mas a relativa escassez de alunos de famílias evangélicas inquieta os órgãos diretores, que vêem a causa disso na "pouca resistência econômica" dessas famílias, incapazes, muitas vezes, de pagarem colégios caros; e isso confirma o caráter ainda "popular" do protestantismo brasileiro: êsse fato, com efeito, não pode deixar de afetar a atmosfera espiritual dos colégios. Pelo menos, êstes são colocados diretamente sob o controle das Convenções e das Igrejas, na maioria das vezes possuindo pastores como diretores, e sendo seus professores na sua maioria protestantes. Entre os 31 do colégio de São Paulo, contam-se 11 batistas, 10 membros de outras igrejas evangélicas, 7 católicos, 2 israelitas, e um professor sem religião declarada. Nas classes primárias, onde se forma a alma das crianças, todos os professores são protestantes, e nas outras os não protestantes são, sobretudo, especialistas.

O espírito desses colégios vemos nas seguintes declarações de seus diretores: "Cada dia em-que entro no Colégio, — escreve o Rev. Soren, pastor da Primeira Igreja do Rio e diretor geral do Colégio — o faço como se entrasse na minha Igreja, e não julgo que diante de Deus haja diferença dos trabalhos prestados". "Eu creio, — afirma o diretor do Colégio de Recife — que a finalidade de um educandário batista ultrapassa os próprios ideais da educação, porque os nossos colégios devem, ainda, ser agências de evangelização." Relativamente à realização da atividade religiosa dessas instituições, podemos tomar, como exemplo, o relatório do Colégio de Recife: "O Departamento de Evangelismo representa, atualmente, o mais relevante papel na vida da instituição, pois, por meio dêle, procura-se atingir os mais elevados ideais de um educandário evangélico. Estão sob a sua orientação os serviços de "lições", as aulas de História Sagrada, as atividades da União de Estudantes Batistas e da União de Estudantes Ministeriais Batistas, nova organização interna, privativa dos pré-seminaristas, que têm como alvos principais "zelar pela moral e vida espiritual de seus membros" e "promover programas literários e evangelísticos nas igrejas"... Sem que a palavra "culto" tenha sido empregada, as "lições" mais se aproximaram de um culto evangélico, em seu espírito e propósitos, do que de uma assembléia de estudantes". Pregações são feitas no Colégio e na Igreja à qual êle se encontra ligado. "Além disso a União de Estudantes Batistas esteve sempre ativa no alistamento dos rapazes e das moças, principalmente dos internatos, nas atividades das várias organizações religiosas da Igreja".

- (4). — Recente artigo do Expositor Cristão metodista duvidava do valor das conversões feitas por influência dos grandes colégios da denominação. O relatório do Colégio Batista de Recife, que acabamos de citar, menciona que "alguns alunos internos e externos foram convertidos e batizados"; mas parece que a atividade religiosa estritamente denominacional dos estabelecimentos dessa Igreja separa, algumas vezes, os próprios alunos evangélicos não-batistas de sua participação. Por outro lado, aí também se encontram educadores para preferirem a pedagogia norte-americana à evangelização. "Não poucas vezes — escreve o pastor Soren — temos ouvido falar do Colégio Batista (do Rio) como uma instituição onde o interesse religioso pudesse ser secundário, e esta afirmação tem sido, infelizmente, divulgada e propagada, prejudicando, às vezes, o conceito do colégio diante da denominação". Sua opinião é claramente expressa num voto apresentado à mesma Convenção de 1948, pela Comissão de Educação: "que os Colégios e escolas batistas pertencentes direta ou indiretamente a esta Convenção dêem ênfase ao ensino bíblico tanto em assembléias como em aulas".

da evangelização direta, realizada pelos próprios fiéis, para o que, convém lembrar, se revela admiravelmente bem organizado (5). Conversão, instrução e evangelização, são os três "tempos" da vida dos crentes, e, também, os três "tempos" desse grande móvel do evangelismo brasileiro: a Escola Dominical. O primeiro dever do prosélito e do filho de família protestante é levar ouvintes à sua Escola, ou "visitantes" como se diz, que receberão os ensinamentos, pelo menos uma vez. Todo o pretexto é bom, ou melhor, todo pretexto é necessário. As crianças menores da Escola são convidadas, através de sua revista-programa, a levarem seus pequenos amigos e os pais destes, o leiteiro ou açougueiro que lhes serve: em uma palavra, todos aquêles que possam ser convidados e que, sem dúvida, não resistirão à gentileza de tal convite. Instituem-se concursos, com prêmios e publicação das fotografias dos vencedores nos jornais religiosos. Temos notícia de uma criança pertencente ao "Departamento das Crianças", que, em três domingos, levou à Escola da Primeira Igreja Batista de São Paulo, 65 visitas, e de outra, vencedora do "Departamento Juvenil" que conseguiu 57 visitantes: o Departamento de Adultos, mais tímido, ficou bem na retaguarda. No total, 769 visitas no mês (6). O "Dia da Escola Dominical", obteve um resultado de 8.364 visitantes, para 65 escolas (7) de 10.706 alunos. Tôdas as Igrejas progressistas possuem, a êsse respeito, estatísticas encorajadoras: assim, a Escola Dominical da Quarta Igreja Presbiteriana Independente de S. Paulo, em 1949, com um número de alunos inscritos que, durante o ano, se elevou de 121 a 176, teve domingos de 60 a 170 visitantes (8). Presentes êstes à Escola, é dever de todos acolhê-los da maneira mais fraternal, despertando-lhes o desejo de voltar. Compete ao pastor, ao superintendente e ao professor dirigir-lhes palavras que poderão torná-los convertidos, alunos e novos recrutadores para a Escola Dominical. Parece que êsse sistema de visitas produz bom resultado, pois o clero católico procura impe-

---

(5). — Diga-se, aliás, que êle revela grande preocupação em "alimentar" espiritualmente aquêles que mais particularmente se destinam à evangelização. Tôdas as grandes denominações possuem, além de seus Seminários ou Faculdades de Teologia, Institutos bíblicos (o de Patrocínio, Minas, para os presbiterianos, o de Pedro de Guarituba para os Congregacionistas, a Escola de Trabalhadoras Cristãs de Recife e a Escola semelhante do Rio para os batistas); possuem, também, cursos bíblicos de duração limitada, cursos por correspondência, semanas e acampamentos bíblicos para os fiéis que desejem aperfeiçoar-se em seus conhecimentos religiosos. É assim que os alunos do "Curso de extensão" batista, realizado em Palma durante o mês de maio de 1950, tinham, como programa, o estudo da vida de Cristo, os primeiros livros do Velho Testamento (até o de Juizes), a homilética e a música, devendo, cada um dêles, levar certo número de livros (*O Batista Paulistano*, abril de 1950).

(6). — *Ibidem*, maio de 1950.

(7). — Sobre 1.012 escolas estudadas. As outras, sem dúvida, responderam a seguir, mas sua lentidão em satisfazer aos pedidos da organização central é um traço do congregacionalismo dessas comunidades (*Jornal Batista*, 20 de julho de 1950).

(8). — *Estandarte*, 31 de junho de 1950.

dí-lo: foi-nos relatado que essas proibições, seguidas, contribuíram para retardar o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Independente de Bebedouro (9).

Ao lado dessa técnica rudimentar, a mais poderosa de todas, a evangelização protestante utiliza, no Brasil, os meios mais modernos. Possui alto-falantes em suas capelas e nas praças públicas (10), começa a adotar o uso de automóveis missionários (11); dispõe, aos domingos, de 22 emissões radiofônicas e, embora muitas sejam de alcance apenas local, outras, como a "Voz Evangélica do Brasil" — para a qual contribuem presbiterianos, congregacionalistas, metodistas, batistas, independentes e episcopais — alcançam grande parte do país (12). Nas regiões rurais, os caminhões substituíram os cavalos nas "caravanas" que conduzem os crentes de qualquer localidade a fim de visitarem os de outras, ou realizarem trabalhos de propaganda, com visitas de porta em porta, reuniões religiosas ao ar livre e distribuição das Escrituras. Assim, se atenua o isolamento dos núcleos de fiéis, algumas vezes reduzidos a uma única família, espalhados pelos sertões.

Por outro lado, o excelente sistema das cartas de transferência, em caso de mudança de domicílio, recomendando-o ao pastora comunidade de sua nova residência, permite evitar grande parte das perdas que sofrem, em outros lugares, comunidades menos organizadas, permitindo, também, o rápido reconhecimento do recém-chegado antes que outro grupo religioso tente incorporá-lo (13). Finalmente, o sistema eclesiástico protestante, com suas comunidades presididas e avivadas por leigos sob a orientação de um pastor com funções episcopais, explica como os novos centros de população das regiões pioneiras vêm funcionar regularmente o culto protestante, antes que o padre mais próximo (o que é, muitas vezes, para ele, cruel ironia) tenha podido estabelecer os serviços católicos com alguma estabilidade e continuidade. Essas circunstâncias, acrescidas pelo fato de que os protestantes constituem forte proporção entre os emigrantes, devido a uma mentalidade já referida, asseguram seu sucesso em muitas regiões novas.

---

(9). — *Estandarte*, 7-1-43, pág. 47.

(10). — Em França, por exemplo: *Expositor Cristão*, 14-9-50.

(11). — Sobre a "Igreja Ambulante", mesmo jornal, 14-9-50.

(12). — Informações sobre a "Voz Evangélica" nas *Atas e Documentos do Concílio Regional Metodista do Norte*, de 1947, pág. 82. Relação, pouco completa, dessas emissões no *Puritano* de 25-4-50. Apenas no Paraná, oito estações transmitem programas protestantes: *O Batista Paranaense*, março de 1950.

(13). — O pastor metodista de Londrina (Paraná) ao qual já nos referimos, lamentando haver perdido 70 de seus paroquianos, convidava seus colegas a participar-lhe os recém-chegados a seu campo fornecendo-lhe algumas indicações: esse campo possui 581 km.2 e, em seis meses, ele já percorrera 6.000 km. à procura de suas ovelhas, sem que, com isso, abandonasse seu trabalho.

A existência, no Amazonas, mesmo fora das cidades, de um numeroso protestantismo autóctone, é um dos belos capítulos da história das Missões evangélicas no mundo. Foi iniciado no fim do século passado, por um batista sueco, Euric Nelson, cuja família se mudara para os Estados Unidos. *Cow-boy*, o jovem sonhara estabelecer-se no vale do Amazonas e tornar-se dono de grandes manadas: sua conversão e o apêlo missionário levaram-no, em 1897, a dedicar-se a 30 anos do mais movimentado ministério, transcorrido em navegar rios, criar igrejas (e a restaurá-las quando disputas internas as haviam parcialmente destruído), acabando por transformar essa imensa região num dos mais belos "campos" batistas do Brasil. A partir de 1911 lá chegaram os pentecostais, também suecos que, depois de trabalhar ao lado de Nelson, puseram-se a instalar suas comunidades, ao longo do grande rio e de seus afluentes: em 1938 já possuíam 12 "Assembléias de Deus" no Amazonas, e perto de 50, no Pará (14). Os missionários presbiterianos, por sua vez, após inúmeras tentativas frustradas, dedicaram-se ao trabalho nas principais cidades desses Estados (15). Em 1940, o recenseamento geral fornecia as seguintes estatísticas:

	Católicos	Protestantes
Pará .....	925.429	11.414
Amazonas .....	425.499	5.149
Acre .....	77.360	1.165

Não nos esqueçamos de que as cifras referentes à população protestante, nesse recenseamento, representam, em grande parte, "membros professos", devendo, pois, ser bastante acrescida a fim de dar uma idéia real da situação. Bastam, entretanto, para revelar o aumento da porcentagem protestante, à medida que zonas pioneiras são conquistadas. Todos os trabalhos referentes às missões católicas dessas regiões, fazem alusões amargas à atividade que os protestantes aí desenvolvem. Já nos referimos ao fato de, há trinta e cinco anos, o Pe Júlio Maria de Lombaerde acreditar não ser possível desocupar o atual território de Amapá, senão pelo emprêgo de meios de violência (é verdade que, a dar-se crédito à sua biografia, bastaria uma prece sua à Virgem, para fazer morrer um pastor tão ousado que se instalara em Macapá) (16). Na paróquia de Santarém, os Franciscanos que visitam mensalmente a grande exploração de seringueiras da Cia. Ford, encontram o protestantismo instalado e ganhando terreno entre os seringueiros. "Batista e pentecostes desenvolvem sua atividade, escreve um deles... (17) Ouvem-se os cantos dos cultos, falam os pregadores,

(14). — Pe. Rossi, *Diretório protestante no Brasil*, pág. 109.

(15). — Ver o *Norte Evangélico* de 1-7-50 e, nos números precedentes, notícias de viagens nessa região.

(16). — Pe. Antônio Miranda, *Padre Júlio Maria*, pág. 186-187.

(17). — "De Santarém a Belterra em 1942", na revista *Santo Antônio*, t. XX, pág. 132-134.

agentes de Bíblias, revistas e folhetos do sectarismo correm as casas. Doi o coração do sacerdote ver sempre novas ovelhas iludidas pelas palavras bonitas e contraditórias dos pastores que, há pouco tempo ainda, exerciam a profissão de lavrador, vaqueiro ou negociante". A biografia de Dom Dominique Carrerot, bispo dominicano de Conceição da Araguaia e depois de Pôrto Nacional, menciona muitas vêzes o trabalho protestante entre os índios do rio Tapajoz, Xingú e da Ilha de Bananal; afirma, é verdade, que os missionários, chegados com bastante dinheiro, acabaram abandonando tudo (18): o *Directório protestante* (19) mostrará que seus trabalhos continuam, não obstante as vicissitudes do trabalho entre as tribos essencialmente instáveis (20).

O Ceará é considerado, geralmente, um dos baluartes mais sólidos do catolicismo do Nordeste: de fato, o recenseamento de 1940 acusa pequena porcentagem de protestantes: 6.794 para 2.078.173 católicos, e o *Directório* apontava, em 1938, apenas a existência de algumas comunidades presbiterianas, batistas e pentecostais. Mas a obra evangélica desenvolveu-se aí, também. A influência social de líderes como o Rev. Nathanael Cortez, proporciona-lhe crédito considerável em Fortaleza. Na região do norte, a Igreja Presbiteriana acaba de tentar uma experiência rural importante, tomando a seu cargo a grande fazenda Suçuarana (uma légua de comprimento por meia de largura), e nela instalando uma Escola profissional (21). No sul, limitando com a região de Piauí — onde, há cinqüenta anos, os Nogueira Paranaguá deram, em Corrente, exemplo de uma empresa desse gênero — a região de Cariri era considerada particularmente inabordável com relação à heresia. "O protestantismo nela não encontra acesso" escrevia, por volta de 1925, o missionário franciscano Frei Casemiro Brochtrup (22). Era de lá também, o que êle não diz, que partiram, pouco tempo

(18). — J. M. Audrin, *Entre sertanejos e índios do norte*, pág. 222.

(19). — Pág. 120-129.

(20). — Seria mais verdadeiro afirmar que a evangelização dos índios interessa mais às Missões estrangeiras que às Igrejas brasileiras. Muito ocupadas em outras coisas, estas se inspiram bem pouco no belo exemplo dado, no século XVII, pelos pastores holandeses no norte do Brasil, onde obtiveram verdadeiros sucessos entre os índios (Rodríguez, *Religiões acatólicas*, pág. 43). Na *História dos Batistas*, t. II, págs. 115-116 e 260, há indicações de tentativas feitas pela Convenção Brasileira, sobretudo a partir de 1927, entre os índios Craos, Cherentes e Paintintins. As *Atas das Assembléias Gerais e Supremos Concílios presbiterianos* revelam também algumas tentativas a êsse respeito. Por ora, a atividade propriamente brasileira dessa denominação, entre os índios, parece reduzir-se à "Missão Evangélica Caiuá" que possui dois centros e um internato em Mato-Grosso, levando, entretanto, uma vida difícil, devido ao pequeno interesse das igrejas (ver, a êsse respeito, um artigo verdadeiramente doloroso no *Estandarte* de 15-5-50). A situação não difere muito no que diz respeito aos trabalhos católicos, exclusivamente a cargo de missionários estrangeiros, particularmente italianos e franceses. Sabe-se que, ao contrário, o positivismo brasileiro, tão pouco numeroso, honrou-se em promover e inspirar, com o general Rondon, o Serviço de Proteção aos Índios.

(21). — Norte Evangélico, de 15-6-50.

(22). — Ver sua biografia já citada, por Matias Teves, *Entre os mucambos de Recife*, pág. 55.



antes, os bandos de fanáticos que haviam saqueado Corrente. “Uma prudente direção e os cuidados constantes do vigário, aí produzem resultados maravilhosos também entre os homens”, acrescenta êle. Diga-se, também, que era exatamente a região do Pe. Cicero Romão Batista, do “meu Padim Ciço”, o padre taumaturgo e agitador do Joazeiro, cujos fiéis cantavam, então:

Não tenho capacidade,  
Mas sei que não digo à toa:  
Padre Ciço é uma pessoa  
Da Santíssima Trindade(23).

Entre as localidades de Cariri, havia uma que provocava particularmente o entusiasmo do missionário franciscano alemão: “Barbalha, pequena paróquia com uma densa população num raio de 3 a 4 léguas de diâmetro, possui 13 conferências vicentinas com mais de 200 confrades. Nas missões, muito poucas pessoas deixaram de receber os santos sacramentos”. Ora, há, atualmente, uma missão batista em Joazeiro, e que acaba de constituir uma congregação em Barbalha, congregação bastante animada para que os missionários franciscanos tentassem obstar a atividade, por meio da intimidação (24).

Já falamos bastante da expansão do protestantismo nos outros estados do Nordeste para que seja necessário insistir novamente. Bastará, deixando de lado o trabalho nas grandes cidades, referirmo-nos à sua grande atividade em dois centros do sertão. Campina Grande, na Paraíba, possui apenas dois padres para suas duas paróquias e para os 74.000 habitantes de seu município; quando foi publicado o *Directório protestante*, em 1938, entretanto, havia já, nesse lugar, três denominações dedicadas ao trabalho: a batista, a pentecostal e a congregacionalista; esta última comunidade indicada, pelo Pe. Rossi, como possuidora, segundo cifras antigas, de 600 membros professos, é o florão de sua denominação, com um conjunto de trabalhos que fazem dela um dos mais belos êxitos locais do protestantismo no Brasil. Campo Formoso, no Estado da Bahia, já foi apontado como um de seus principais centros no sertão nordestino, e, também, como um dos pontos contra os quais a resistência católica se havia organizado, adotando, até à cópia literal, os métodos da propaganda evangélica: o bispo de Bonfim, que sustentara essa iniciativa, foi transferido para Botucatu, em São Paulo e o trabalho presbiteriano em Campo Formoso desenvolveu-se de tal modo que constitui, hoje, um Presbitério, com nove igrejas e cinco pastores.

Mais ao sul, uma dessas zonas de expansão recente ou de crescimento notável do protestantismo brasileiro é constituída pelas regiões que vão do Jequitinhonha ao Paraíba, englobando o estado

(23). — Lourenço Filho, *Joazeiro do Padre Cicero*, pág. 54.

(24). — *Jornal Batista*, de 25-5-50.

de Espírito Santo (25), parte do Estado do Rio e o sudeste de Minas. É, hoje, especialmente uma das regiões de grande desenvolvimento presbiteriano. Ao norte dessa região a vida protestante estava bastante centralizada em Teófilo Otoni — com uma comunidade luterana fechada sobre si mesma, e um pequeno grupo presbiteriano — quando um missionário brasileiro da Junta das Missões Nacionais, em 1944, tomou sua direção. Atualmente é, ela, um centro fervoroso, sobre o qual já se escreveu (26):

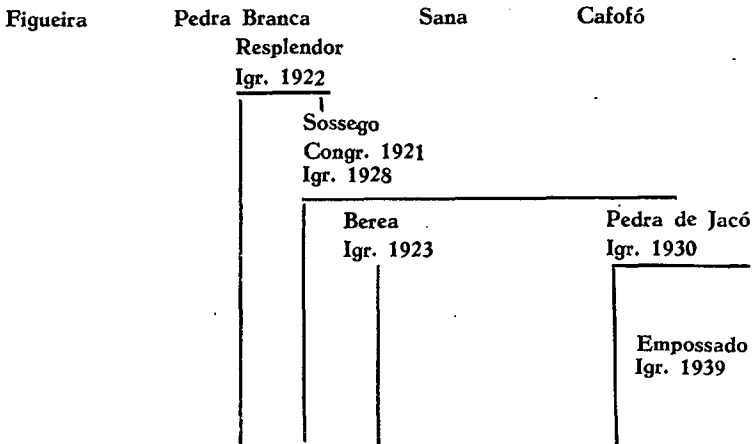
“É um trabalho agressivo, combatente, corajoso, dinâmico, francamente evangelizante, pontilhado de experiências maravilhosas, de verdadeiros milagres de fé, de conversões notáveis, de conquistas seguras. O combate não é tanto contra as doutrinas romanistas, mas os romanistas abraçam a fé evangélica; contra as doutrinas espíritas, mas os espíritas nascem realmente de novo; contra os princípios de Marx, mas os comunistas aceitam a Cristo. Ali os problemas dos lares abençoados pelo Evangelho, de casa para os cultos, os recursos para a obra são resolvidos com reuniões de oração. Ali não se lamenta o fato de dezenas de convertidos se mudarem para outros lugares: eles levarão a luz do Evangelho e o espírito do trabalho para acolá. Os métodos são simples e populares. Certamente bons, porque Deus os tem abençoado”.

Os batistas, que começam a trabalhar mais ao norte, na região do Jequitinhonha, abrem trabalhos em Teófilo Otoni e, rio Macuri abaixo, em Nanuque, quase na fronteira do Território Contestado (27). A recente sede desse território, Mantena, é um exemplo dessas cidades novas, onde o protestantismo adiantou-se ao catolicismo. Com apenas dez anos, mas já com 4.000 habitantes de população aglomerada, conta com maior número de protestantes que de católicos. Em 1947 não possuía, ainda, paróquia própria, assim como todo o Território: êste dependia da paróquia de Itambacuri e estava aos cuidados de um religioso holandês, assim como boa parte da diocese (de Arassuaí), a começar pela própria sede episcopal. Ao contrário, a única comunidade batista de Mantena compreende 500 membros professos, e a cidade possui, também uma Igreja adventista e uma presbiteriana, esta dirigida por um pastor residente. Das três escolas que aí existem, uma é batista, outra adventista, e a terceira um grupo escolar oficial (28).

Em Mantena encontramos-nos, já, nessa zona pioneira do vale do Rio Doce, que faz concorrência ao Paraná, e que é uma das joias do protestantismo brasileiro. Os batistas possuem, aí, cêrca

- 
- (25). — *A História dos Batistas do Brasil*, t. II, pág. 306, nota que a atividade do missionário Reno e as excelentes relações que mantinha com a sociedade e autoridades locais fizeram de Vitória uma espécie de “Meca batista”. Os poderes públicos assistiram, em 1932, à inauguração do Colégio batista e do novo templo da Primeira Igreja dessa denominação; e por ocasião da morte do Rev. Reno, em 1935, o seu nome foi dado a uma das ruas da cidade.
- (26). — Benjamim César, *Norte Evangélico*, de 1-5-50. Ver a narrativa desse despertamento, feita pelo pastor da comunidade, Antônio Elias, *Testemunhos Vivos*, 1949, broch.
- (27). — *Jornal Batista*, de 6-4-50.
- (28). — *Idem*, de 13-7-50.

de 5.500 membros professos e nela instalaram, em Aimorés, uma grande instituição de ensino, o Colégio Pan-Americano que, sendo o único da região, sobre ela exerce considerável influência (29). A Igreja Presbiteriana aí encontra, atualmente, seu campo mais fértil, em matéria de conversões e igrejas. Com relação às Igrejas, é interessante traçar aqui, de acôrdo com um artigo do Rev. Benjamim César (30) o quadro do grupo daquelas que formaram a comunidade de Resplendor, constituída em 1915 com 30 fiéis, e organizada como igreja em 1922, com 79 fiéis, e daquelas que nasceram desta, como congregações que logo atingiram sua autonomia. Esse quadro, comparável àquêlê que apresentamos sobre as igrejas batistas da Bahia, representará o segundo modo de proliferação das comunidades evangélicas, e, aliás, o mais frequente.



A elas é necessário acrescentar as igrejas de Colatina, Fanal, Aimorés, Conselheiro Pena, Luz, Betel, Salem, Alto Rio Novo, Guaracema e outras, que são mais ou menos filhas ou netas da de Resplendor. Esta última, atualmente com 11 congregações, não possui mais que 450 membros, mas um presbitério inteiro originou-se dela; apresenta a mais bela estatística, da qual se orgulha hoje o presbiterianismo brasileiro (31): 22 igrejas e 15 congregações ou pontos de pregação, ao cuidado de 8 pastores e um evangelista, 5.255 membros comungantes e 4.165 jovens, 93 Escolas dominicais com 7.823 alunos matriculados (donde, além dos jovens, mais de metade dos membros professos) 37 Sociedades de senhoras reunindo um total de 1.295 sócias, 23 Sociedades de jovens com um total de 748 sócios. Mais admirável ainda, — e, aliás, razão dessa expansão — é a progressão do número de membros profes-

(29). — *Idem*, de 6-4-50.

(30). — *Norte Evangélico*, de 1-3-50.

(31). — Cifras do fim de 1949: *Puritano*, de 10-7-50.

sos: de 2.324 em 1945 passou a 5.255 em 1949: mais que o dobro, em cinco anos. E isso, observe-se, por profissões de prosélitos e confirmações de filhos da Igreja: em 1949 atingiram elas, um máximo de 562, o mais elevado de todos os Presbitérios da denominação, enquanto as aquisições por meio de transferências ou outros meios foram apenas de 172. Compreende-se que o último Supremo Concílio presbiteriano, que deveria tratar dos graves problemas do "velho protestantismo", que lhe eram apresentados pelas propagandas ecumenista e fundamentalista, tenha ido discuti-los em Caratinga, em uma das igrejas dêsse presbitério, representante máximo do jovem protestantismo brasileiro: contra as tentações da organização e da disputa teológica êle incitava ao ensino e ao encorajamento da evangelização.

Mais ao sul e a oeste, êsse belo centro de vida protestante se apoia sôbre outro não menos belo, na região compreendida entre o curso superior do Rio Doce e a fronteira dos Estados do Espírito Santo e Rio. Para a Igreja Presbiteriana, é o campo do Presbitério de Leste de Minas, cujas estatísticas rivalizam com as que acabamos de vêr: 23 igrejas, 1 congregação presbiterial e 124 pontos de pregação ao cuidado de 9 pastores; 6.414 membros professos; 76 Escolas dominicais com 6.834 alunos; 38 sociedades de senhoras com 1.788 sócias; 21 sociedades de jovens com 770 membros. No ano de 1949 houve 419 profissões e confirmações. O pequeno número de aquisições por transferência mostra que não estamos numa região de atração demográfica. A Igreja, aí, se desenvolve ou por adesão de seus jovens ou por admissão de prosélitos. As outras denominações são, também, bem representadas nessa região, se bem que com efetivos inferiores. Nela também encontramos localidades de população de maioria protestante, como a de Presidente Soares (antigamente Alto Jequitinhonha).

Correspondendo essas duas regiões reunidas quase à diocese de Caratinga, é possível uma comparação. Em face das 32 paróquias e dos 29 padres que aí existiam em 1947, ela registra — contando-se apenas os efetivos presbiterianos e metodistas — mais de 60 igrejas protestantes organizadas e também 29 pastores. Além disso, encontramos aí diversas comunidades batistas, além de outras denominações também representadas. É difícil crer que se trata da diocese onde se desenvolveu, de 1928 a 1944, a mais violenta campanha anti-protestante que o Brasil conheceu desde os tempos de Frei Celestino Padovali, desencadeada e sustentada pelo famoso Pe. Júlio Maria de Lombaerde, autor dos *Ataques protestantes às verdades católicas com as respectivas respostas irrefutáveis* e de *Luz nas trevas ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes*.

Em sua cidade de Manhumirim, que êle tentara transformar no baluarte da resistência à Reforma, progrediam as comunidades presbiteriana e batista, ao passo que o noviciado dos Missionários

de N. S. do SS. Sacramento, que, em 1937, possuía mais de cem alunos aspirantes (32) (ou seminaristas menores), em 1947 não contava com mais de 53. Em 1940 fundara aí um estabelecimento de ensino geral, o "Ginásio Pio XI" com o propósito de "opor um dique à inundação de educandários protestantes no Brasil, preservando, pelo menos, a zona da mata", mas seu historiador não esconde as decepções que bem cedo lhe causou êsse estabelecimento (33): e os protestantes possuem, atualmente, a algumas léguas dali, o grande Colégio presbiteriano de Presidente Soares, com 600 alunos.

Constituiu-se, assim, no Estado de Minas, uma vasta zona de desenvolvimento protestante que, juntamente com zonas mais velhas do sul (Juiz de Fora, Lavras) e do Triângulo (Araguari, Patrocínio, Patos), faz, dêsse Estado, uma das grandes aglomerações do evangelismo brasileiro. Uma estatística oficial, publicada recentemente (34) revela o ritmo da conquista protestante nesse Estado: possuía, em 1900, 18 igrejas evangélicas; 27 se fundaram de 1901 a 1910; 25 de 1911 a 1920; 114 de 1921 a 1940; 139 de 1941 a 1948. Trata-se apenas daquelas cuja data de fundação se conhece, sendo desconhecida a data de mais 73. Em 1946 perfaziam um total de 360, e em 1948, de 437. E a prova de que não se trata de grupos efêmeros é o fato de que pelo menos 334 dessas comunidades possuíam seus locais de culto, dos quais 280 eram templos ou capelas. Essas 437 igrejas eram dirigidas por 369 pastores, 438 presbíteros e 574 diáconos. Se compararmos essas cifras às fornecidas pelo *Brasil Católico* em 1947 — 682 paróquias e 495 padres ou quem lhes fizesse as funções — veremos que o protestantismo mineiro pode suportar o confronto (35). Sem dúvida o número de 45.758 fiéis (dos quais 21.175 homens e 24.583 mulheres) poderá parecer mínimo para os milhões do total da população (em 1940, 6.736.416 recenseados), mas não podemos esquecer que se trata de membros professos, sendo pouco representadas as Igrejas multitudinistas que incluem famílias inteiras em suas estatísticas. E a relação das aquisições das comunidades protestantes, apenas no ano de 1948, é impressionante: há um total de 8.463, divididas do seguinte modo:

Conversões .....	2.165	
Confirmações .....	1.182	
		3.967
Batismos infantis .....		2.186
Transferências de outros Estados .....	1.552	
Reconciliações .....	287	
Não especificados .....	471	
		2.310

(32). — Padre Antônio Miranda, Padre Júlio Maria, pág. 292.

(33). — *Ibidem*, pág. 293-295.

(34). — *Diário de Minas*, de 11-12-1949, segundo os documentos da 4.<sup>a</sup> Divisão do Departamento Estadual de Estatística.

(35). — Outro elemento de estabilidade é representado por suas 892 Escolas dominicais, com 3.003 professores e 37.675 alunos inscritos.

Ao sul de Minas, o Estado do Rio representa uma velha zona protestante, mas com exemplos bastante interessantes de "volta à cultura de terras esgotadas": é o caso, principalmente, da bela atividade da Igreja presbiteriana de Campos, onde o pastor, auxiliado por três evangelistas e 27 pregadores leigos, atende às necessidades da comunidade central, de 9 congregações e de 50 pontos de pregação (36), isso numa região que conheceu campanhas batistas bastante semelhantes à exploração nômade intensiva (37).

O Estado de São Paulo continua a representar o maior centro evangélico etnicamente brasileiro, se assim podemos dizer: em 1940 o recenseamento revelava a existência de 175.934 protestantes, total apenas ultrapassado pelo Rio Grande do Sul com 339.250 luteranos e outros, mas em condições particulares, que conhecemos. Já dissemos, que as estatísticas pormenorizadas, fornecidas pelas publicações do Departamento Estadual de Estatística, são inutilizáveis, dada a indecisão que nelas se observa, principalmente no que se refere às "pessoas filiadas" (que, em número de 26.403 para 1940, teriam subido a 96.567 em 1945, e descido a 63.503 em 1946), e também pelo fato de haver um grande número de comunidades evangélicas que não responderam às questões: se, em 1945, apenas 566, dentre 758, responderam, em 1946 apenas 487, entre 820, o fizeram, e isso tem grande influência na queda das cifras que acabamos de ver (38). De sorte que os únicos dados relativamente seguros, seriam os seguintes (entre parêntesis os da Capital):

	1940	1945	1946	
Igrejas .....	283 (28)	758 (94)	820 (96)	(39)
Pastores .....			511 (62)	

A mesma fonte indica 558 paróquias para as quais o *Brasil Católico*, de 1947, indica cerca de 485 padres ou quem lhes faça as funções, dos quais 80 para a Capital.

A impossibilidade em que nos encontramos de colher dados precisos sobre o protestantismo de São Paulo, torna mais valioso o fato de que, na segunda cidade do Estado, Santos, quase tôdas as comunidades protestantes (13 para 14), responderam ao inquérito de 1946. Examinemos, pois, as cifras fornecidas a seu respeito:

---

(36). — O pastor dessa igreja, Rev. Benjamim César refere-se ao fato em seu artigo do *Norte Evangélico* de 15-5-50. Sobre o trabalho dessa igreja em São João da Barra, *Puritano* de 15-5-50.

(37). — Citamos, já, as experiências do pastor metodista de Laranjais, que conseguiu reanimar uma parte de uma velha paróquia.

(38). — Os quadros para as denominações, fornecidos em 1946, são particularmente atingidos por essa circunstância.

(39). — A cifra apresentada (28 "templos existentes" para 53 "informantes") provém de um erro, e procuramos anulá-lo subtraindo da cifra total da 1.ª Região a de seus outros municípios.

Membros em 31-12-45 .....	2.543
dos quais aceitos por conversão .....	231
por confirmação .....	15
transferência .....	81
reconciliação .....	21
Sociedades .....	40
Membros .....	1.442
Templos existentes .....	14
Templos informantes .....	13
Ministros .....	13
Presbíteros .....	28
Diáconos .....	59
Escolas Dominicais .....	24
Dirigentes .....	196
Alunos inscritos .....	1.788
Batismos de crianças .....	27
Casamentos .....	27
Ofícios fúnebres .....	37

Não podemos afirmar que êsses resultados tenham algo de notável para uma grande cidade onde tôdas as denominações protestantes possuem seus trabalhos. É mais interessante ver indicadas 49 comunidades para as outras localidades da 2.<sup>a</sup> região administrativa, isto é, a costa de Ubatuba a Cananéia, com o *hinterland* de Maracatú a Xiririca; há 3 em Itanhaem e Xiririca, 4 em Registro, 5 em Jucupiranga, 8 em Ilhabela, 9 em Miracatú-Juquiá. E, sem dúvida, essas comunidades estão sempre em perda, devido às transferências: representam, também, um importante protestantismo “caicara” e “caipira”. Em Juquiá os protestantes sobressaem por sua influência, a ponto de possuir muitos vereadores na Câmara Municipal, e, algumas vêzes, o prefeito; é aí que, no início de julho, os crentes da região mantêm, durante muitos dias, uma interessante reunião de estudos bíblicos e orações, para a qual percorrem o Juquiá em barca e levantam um acampamento (40).

Dessas regiões onde o protestantismo resiste suportando as conseqüências de um êxodo geral, passemos àquelas onde êle se estabelece, pelo menos a fim de preparar um novo passo à frente, com tôda a população pioneira. É pròpriamente todo o oeste do Estado, com suas três zonas paralelas entre Rio Grande e Tietê, entre Tietê e Rio Peixe, e entre Rio Peixe e Paranapanema.

A zona intermediária viu o deslocamento, para oeste, dos protestantes das velhas igrejas do centro do Estado que, do núcleo Brotas-Jaú ganharam a região de Avaí, Pirajuí-Balbinos-Cafelândia-Lins, para, numa nova etapa, dirigirem-se para Birigui e Aracatuba, de onde os jovens e os insatisfeitos ganham Mato-Grosso

(40). — Juquiá possuiu, antigamente, uma colônia de sulistas americanos: pesquisas realizadas poderão revelar que sua importância para a evangelização da região foi maior que a dos de Santa Bárbara para a sua.

e Paraná. É a região das paróquias imensas onde, por exemplo, a da Igreja Presbiteriana Independente vai até Andradina, com 12 congregações e 13 pontos de pregação, ou ainda o campo missionário de Tanabi-Mirassol-Indianópolis que possuía, em 1944, um campo de 18.000 km.<sup>2</sup> a cargo de um jovem pastor presbiteriano. No limite do Estado a localidade de Três Fronteiras possui grande desenvolvimento e, com ela, as comunidades protestantes (41). Mais além está Mato-Grosso, onde começa a surgir uma cadeia de igrejas protestantes, até essa Avenida Internacional de Ponta Porã, limite com o Paraguai, e onde a nova comunidade presbiteriana possui sua sala de reuniões (42); e Goiás, cuja nova capital, Goiânia, possui, já, pelo menos seis comunidades protestantes: "cristã", batista, presbiteriana, metodista, presbiteriana independente (desde 1947) e presbiteriana conservadora (desde 1949) (43), enquanto Anápolis possui outras tantas igrejas, três estabelecimentos de ensino evangélicos, ao mesmo tempo que a propaganda da Reforma se expande com êxito quase espontâneo em todo o sul do Estado.

O mesmo acontece com o norte do Paraná que atrai sobretudo os pioneiros protestantes, acompanhando e, muitas vezes, precedendo a grande corrente migratória que busca novas terras para o café; o que se explica, principalmente, pelo fato de muitos de seus pontos de partida serem bastante próximos, nessa Alta-Sorocabana, a mais meridional de tôdas as zonas de povoamento do oeste paulista. Todos os municípios e distritos são, aí, "ocupados", e, muitas vezes, por diversas denominações. Localidades como Iepê, Marília (44), Rancharia, possuem populações protestantes em grandes proporções, e nessa zona e na do Paraná, que a prolonga, encontramos êsses longos trajetos de estrada, de que já falamos, e onde os viajantes não encontram nada que beber, fumar, ou lugar para jogar.

O Norte do Paraná, enfim, é uma nova Canaã, não apenas como "terra da promessa", mas também porque os protestantes aí são bastante numerosos para usarem a "gíria de Canaã". As comunidades protestantes multiplicam-se ao longo das estradas de ferro e das estradas que vão de Ourinhos a Londrina e a Mandaguari, e de Ourinhos a Venceslau Braz e Ibaítí. Citaremos alguns exemplos tomados às três grandes denominações, presbiteriana, metodista e batista.

O distrito metodista do norte do Paraná, que se estende, em sete "paróquias", de Jacarezinho a Mandaguari, emprega seis pas-

---

(41). — *Estandarte*, de 30-4-50.

(42). — Ver sua atividade no *Puritano*, de 10-3-50.

(43). — Ver, principalmente, o *Estandarte* de 15-1-50 e o *Presbiteriano Conservador* de junho do mesmo ano.

(44). — A Igreja batista de Marília, por exemplo, fundada em 1932 com 24 membros, já procedeu a mais de 750 batismos, dos quais 408 nos nove últimos anos e 59 em 1949; logo possuirá 8 escolas dominicais (*Jornal Batista* de 12-1-50).



tores e cinco leigos “provisionados” na direção de 11 igrejas e 88 pontos de pregação, reunindo 1.644 membros professos (45) e 1.195 não professos. Possui 20 capelas e 5 presbitérios. Suas 31 escolas dominicais possuem 2.230 alunos inscritos.

O “campo batista paranaense” recobre todo o Estado, com 24 igrejas, 2.757 membros, 52 escolas dominicais e 2.884 alunos inscritos (46). Relativamente à região que nos interessa particularmente aqui, essa denominação nela fundou seu trabalho em 1947, em Mandaguari; pôr sua vez, esta comunidade criou, em seguida, as igrejas de Marialva (1949), Maringá e Paranavaí (1950) (47). A outra via de penetração (entroncamento de Venceslau Brás a Tomasina e além) está tomada até Ibití, onde acaba de ser organizada uma igreja (48).

O trabalho presbiteriano começou por volta de 1946 ou 1947, em Marialva; em três anos essa igreja recebeu 68 professos, dos quais 50 vindos do catolicismo; e a escola dominical alcançou 170 alunos; soubemos, de fonte fidedigna, que ela não possui fumantes nem mulheres que se pintam, única, sob êsse ponto de vista, existente no norte do Paraná, salvo engano; está instalada em sede própria numa capela de madeira. Em abril de 1949 o pastor, deixando um evangelista em Marialva, transportou o centro de seu trabalho para Maringá, no final da linha de penetração; começou por celebrar os cultos em sua casa; a escola dominical, que começara com 38 alunos, possuía 62 no início de 1950 e 97 em junho. Mais adiante, na localidade principal dessa zona, Mandaguari, a denominação presbiteriana era a única que não estava representada: um presbítero de Minas vindo residir aí, reuniu alguns presbiterianos que lá se encontravam; em dois meses compraram um terreno e construíram uma capela de madeira, inaugurada em fevereiro de 1950. Êsse imenso campo de trabalho conta, atualmente, 9 escolas dominicais. Do outro lado do Iraí abre-se outro mais vasto, que se estende até os arredores de Guarapuava; e na única localidade de alguma importância que aí se encontra, Campo Mourão, há um evangelista presbiteriano.

Finalmente, as duas igrejas presbiterianas nascidas dos cismas da denominação, a Igreja Presbiteriana Independente e sua filha mais moça, a Igreja Presbiteriana Conservadora, encontraram, no mesmo campo missionário, apostolado suficiente para justificar sua existência aos olhos de outros, e vencer os momentos de dúvida e fraqueza. Por mais persuadidos que estejam seus pastores e seus membros da necessidade e legitimidade de suas dissidências, devem eles, algumas vezes, sentir duramente uma situação cuja anormalidade é denunciada pela própria amenidade das rela-

(45). — O Batista Paranaense, de março de 1950.

(46). — O Jornal Batista, de 11-5-50.

(47). — O Batista Paranaense, de março de 1950.

(48). — Puritano, de 10-2-50 e de 10-7-50.

ções interdenominacionais de hoje, nas “velhas regiões protestantes” como as de Itapetininga, Jaú, Iacanga-Arealva, Catanduva (São Paulo), onde as três igrejas presbiterianas trabalham lado a lado, nos mesmos meios e, sem dúvida, muitas vezes nas mesmas famílias. Bem cedo a Igreja presbiteriana encontrou sua justificação, tornando-se uma grande igreja missionária: foi ela que, nos últimos cinquenta anos, esteve à frente da “ocupação protestante das novas zonas do Estado de São Paulo.. Isso faz com que seu presbitério da Sorocabana ocupe o primeiro lugar na imensa região pioneira que vai de Avaré a Tupã e de Tupã a Areia Dourada e Andradina, estendendo, daí, sua ação sobre o Paraná. Apenas no ano de 1949 organizou êle as igrejas de Assaí e Maringá, e inaugurou, entre outras, as capelas de Cornélio Procópio, Primeiro de Maio, Florínia e o segundo templo de Londrina. Tôdas as igrejas, diz-se, possuem grande ardor evangelístico e devotamento financeiro, mas seus pastores, bem pouco numerosos, esgotam-se no trabalho (49). Finalmente, a Igreja Presbiteriana Conservadora possui uma igreja constituída, com pastor, em Jacarezinho, e um campo de trabalho que vai até Mandaguari, onde a denominação conta uma congregação, e a Siqueira Campos (50): é nesse lugar, sem dúvida, que se vão estabelecer os missionários que o movimento fundamentalista americano acaba de enviar ao Brasil (51).

Acrescentem-se, ainda, as quarenta comunidades das congregações cristãs pentecostais, e compreender-se-á que as 23 paróquias da diocese de Jacarezinho, enumeradas pelo *Brasil Católico* de 1947, são bem pouco numerosas para contrabalançar tal esforço, acrescentando o fato de serem elas servidas por padres ou religiosos estrangeiros, alemães da “Pia Sociedade das Missões” ou capuchinhos italianos, ao passo que os pastores e evangelistas protestantes são brasileiros, e muitas vezes originários das mesmas regiões dos imigrantes que constituem a população e, por isso mesmo, melhor preparados para obter auditórios. As sete congregações religiosas femininas que trabalham na diocese contribuem, apenas, para reforçar essa impressão, dado o fato de serem compostas, principalmente, por alemãs, francesas ou italianas.

Esse fato faz com que a Igreja católica assuma, nessa região, um aspecto estrangeiro, ao passo que o protestantismo ali, se mostra autóctone. Compreende-se que os pastores gozem de grande prestígio, e que os jornais e estações emissoras estejam à sua disposição: E se é verdade que as dignas religiosas católicas dotaram a região com escolas e colégios, e se devotam aos hospitais de Jacarezinho e Londrina, ainda neste terreno os protestantes não fize-

---

(49). — *Estandarte*, de 31-3-50.

(50). — A congregação presbiterial de Siqueira Campos teve, como origem, os membros da Igreja Presbiteriana Conservadora de Boa Esperança (Minas): *Presbiteriano Conservador*, março de 1950.

(51). — *Presbiteriano Conservador*, principalmente abril de 1949, fevereiro de 1950, abril de 1950.

ram menos: possuem um colégio presbiteriano, em Londrina, e aí construíram um hospital comum a tôdas as denominações.

**O protestantismo brasileiro em face do proletariado.**

Não é de se admirar que o protestantismo brasileiro vença nas zonas pioneiras. Rural por suas origens e principais experiências, nessas zonas êle rejuvenesce e encontra problemas e necessidades já familiares. Mas ao lado de sua expansão nessas novas regiões, seu desenvolvimento e as circunstâncias gerais colocam-no em presença de novos meios sociais que lhe apresentam questões que êle antes não enfrentara. Refiro-me ao proletariado dos campos e dos bairros operários das cidades.

Proletariado dos campos: durante muito tempo o protestantismo não deveu ocupar-se dêle, pelo simples motivo de que êsse meio não existia, pelo menos nas regiões onde o protestantismo aparecera. No Estado de São Paulo, êle nascera e prosperara nos sítios e em algumas fazendas. E certamente nem todos os seus adeptos eram fazendeiros, nem mesmo sitiantes: havia, entre êles, simples agregados, também pobres, como comumente o são. Êsses pobres, entretanto, vivendo em condições que seus pais e avós conheciam, cercados por seu meio, protegidos e sustentados pelos proprietários e pelos parentes em melhor situação, possuíam a grande força de estarem em seu lugar, e as menções que dêles fazem os evangelistas do país não revelam um quadro particularmente negro. Quando, mais tarde, o protestantismo apareceu nos campos do Triângulo Mineiro, bem mais que a miséria, foi a ignorância do povo que teve de combater: pelo menos, d. Maria de Melo Chaves em seus *Bandeirantes da Fé*, ao descrever a dura vida dos jovens lares de agricultores sem recursos, descreve-os mantidos por seu meio, sua família ou, em caso de ruptura com seus apoios naturais, pelo fato de sua conversão, por seus novos correligionários, mesmo afastados.

São outras experiências, infinitamente mais dolorosas, que nos revelam certas narrativas de pastores de zonas não prôpriamente pioneiras, mas que o foram nas esperanças, bem cêdo desfeitas, de imigrantes pobres demais para comprar boas terras e cultivá-las. Zonas de passagem, para êles pelo menos, que aí vegetam em condições mais duras que as de sua região de origem, à espera de novo deslocamento e nova tentativa de sorte. Proletários não é bem a expressão: trata-se verdadeiramente de "deslocados", com tudo que essa expressão representa de miséria material e moral. Nordestinos apanhados nas estradas pelas sêcas; paulistas e mineiros atraídos pelas promessas de "terras da promessa", promessas encontradas em todos os lugares, desde as do *Guia Levi* ("Não tem saúva. Clima salubre. Títulos garantidos") até os anúncios dos jornais religiosos.

O jovem pastor ao qual foi confiado, em 1943, o imenso campo missionário do município de Tanabi — 12.000 kms.<sup>2</sup> no extremo norte do Estado — aí encontrou entre seus fiéis apenas pobres pessoas, consideradas, geralmente, “gentinha”, e apresentando tôdas as misérias.

“A ignorância, escreve êle, o analfabetismo, o desconhecimento dos mais comensinhos preceitos de higiene, é uma coisa verdadeiramente alarmante, principalmente nos postos mais avançados do meu campo. Foi imprescindível que, ao lado das boas novas de salvação, levasse, também, uma palavra de orientação higiênica. Creio que não exagerarei ao dizer que mais de 90% das crianças estão sendo consumidas pelas verminoses. Faz pena ver-se o estado físico do nosso sertanejo, principalmente dos menores. Piolhos, dor d’olhos, coqueluche, as várias espécies de amarelão, sarna, e mais uma infinidade de doenças mais graves produzem a derrocada, física de nossas ovelhas.

“Podeis imaginar que tarefa imensa a ser realizada pelo missionário, e no entanto é a mais difícil. Fácilmente se melindram quando se lhes dá um conselho de higiene. Só depois de meses que havia conquistado o coração de nossos irmãos é que comeci a atacar o problema das moradias e a realizar o saneamento. Fiz muitas palestras sobre os vários problemas de higiene. Distribuí literatura adequada e em Indianapolis tracei um programa especial de higienização e que foi executado durante o ano pela Sociedade Feminina. Providenciei a remessa de remédios grátis para atender aos casos mais urgentes. Entrei em entendimento para ir em março próximo um prático do posto de higiene, para fazer um tratamento sério do amarelão, principalmente entre as famílias crentes. O govêrno dará o homem e os remédios e nós custearemos as despesas de viagem.”

No ano seguinte o campo do Rev. Josué França estava aumentado pelos 6.000 kms.<sup>2</sup> do município de Mirassol, sem que a situação material em geral houvesse melhorado. Êle escrevia, ainda, em seu segundo relatório:

“Sendo o meu campo rural, há grandes zonas onde o desconhecimento dos menores preceitos de higiene é uma coisa alarmante. Fiz não só várias palestras sobre o assunto, mas procurei fazer campanhas práticas de construção de novas residências, fossas, chuveiros, etc. Distribuí remédios gratuitos para tratamento do amarelão, etc. As minhas ovelhas no sertão são focos de doenças, porque são subnutridas e, para sanar em parte o mal, fiz a campanha das hortas; mais de 500 envelopes de sementes foram distribuídos gratuitamente”.

Diante de tal aspecto do trabalho evangélico um protestante francês pensa no trabalho, famoso em seu meio, do pastor Oberlin em Ban de La Roche (Alsácia) e de Felix Neff nos vales dos Alpes. Compreende, também, a preocupação de respeitabilidade e de prestígio social que mostram os pastores de tais rebanhos.

“Procuramos realizar um esforço para o levantamento social da igreja, nota também o Rev. Josué França. Percebi que quando o pastor se eleva no meio social indubitavelmente traz consigo a Igreja... Dei mui-

ta ênfase a êsse aspecto social do meu trabalho, porque, sendo êste um campo missionário, achei indispensável, desde já, colocar a nossa Igreja numa esfera de respeito e dignidade”.

Poderia haver, aqui, um romantismo da evangelização miserável. Os pastores, pessoalmente os mais desinteressados, sabem o que significa trabalhar efetivamente pela difusão do Evangelho, substituir por uma verdadeira capela o rancho de troncos de árvores onde se reuniam os fiéis de Indianópolis; facilitar-lhes o acesso, através de 120 metros de pântano do “Mar Vermelho”, por uma verdadeira pontezinha, menos perigosa que alguns troncos de palmeira jogados no lodo; obter amigos estranhos à igreja de Tanabi (entre êles o prefeito da localidade), ou ainda 130 boas poltronas de cinema em substituição aos bancos, que já se tornavam um martírio. E o observador menos simpático à evangelização indireta, compreenderá que um missionário, colocado nessas condições, aceitará participar de tôdas as solenidades locais, pois não se tratará, nesse caso, nem de considerações pessoais, nem de pregação com meias palavras e entrelinhas para os meios mais importantes, mas da obtenção de atenções e de uma nova estima que indiretamente beneficiarão os fiéis. Diga-se, aliás, que o Rev. Josué França não cessa de notar quanto seus esforços foram recompensados, auxiliando-o na construção do templo e da casa pastoral além de reunir, para a igreja, à fôrça de trabalho, somas consideráveis (52). Ao contrário, outra comunidade de origem relativamente antiga e composta de elementos capazes de prestar grandes serviços, desesperava-o por sua frieza, ou melhor, por seu gêlo espiritual (“não são frios, são gelados na fé”): seus membros, todos parentes, preocupavam-se apenas com suas querelas familiares; todavia, eram generosos para com a igreja, o que não lhes era muito difícil, a ponto de tornar possível a construção de um templo. Mas, perguntava o pastor “para que edificar um templo se não há igreja”? Por que recommençar a experiência dos crentes presbiterianos independentes que, em disposições semelhantes, construíram, também, uma capela, e viram gelar o ardor de sua fé antes de abandoná-la, deixando a região, em busca de novas terras? Por onde se vê que as novas classes podem rejuvenescer um protestantismo envelhecido.

Ao mesmo tempo que o proletariado rural, e antes mesmo, surgiu um proletariado operário. Na Europa, as igrejas protestantes, em geral, perderam contato com êle. Não parece que o mesmo tenha acontecido no Brasil, sem dúvida devido ao seu caráter mais jovem, mais evangelista, mais fraternal e menos intelectual: os pro-

(52). — Principalmente pela “campanha dos talentos”, na qual o pastor confia pequenas somas aos crentes para que êles as façam frutificar. Em 1946, em Mirassol, 65 cruzeiros produziram 3.320, e a vencedora do concurso foi a esposa de um cego, que obteve 550 dos 5 que recebera, apenas vendendo bananas.

testantes, aqui, não têm necessidade de “descer ao povo”, estão em seu nível; não se dedicam a uma evangelização particular dos operários, evangelizam-nos ao mesmo tempo que ao resto da população. Já nos referimos ao trabalho que os batistas iniciaram, desde 1905, no bairro operário de Cordeiro, em Recife, vinte anos antes que Frei Casemiro Brochtrup se consagrasse aos “mucambos” dessa cidade. Essa mesma denominação entrou com grande êxito na favela de Maracanã, no Rio, formando uma congregação; e enquanto o seu pastor responsável planejava transportá-la para melhores instalações, prosseguiram uma bela obra de evangelização (53). Volta Redonda possui, pelo menos, uma igreja presbiteriana e uma “congregação cristã” pentecostal. E toda a zona operária de São Paulo (54) possui inúmeras comunidades evangélicas, que são comunidades operárias pela composição de seus fiéis, e não somente pela boa vontade ou pelo amor ao apostolado social de seus pastores: o *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo*, de 1946, revela a existência de 16 em Santo André, 8 em São Roque, 8 em Jundiaí, 8 em Sorocaba (sem falar em algumas das 14 de Santos, que não são propriamente burguesas). E ainda não se disse tudo, pois apenas os fiéis das “congregações cristãs” possuíam, em 1938, 13 delas em Sorocaba, 7 em São Roque, sem falar naquelas que se formam em todos os bairros populares de São Paulo. Na fronteira setentrional do Estado, a cidade de Barréto, possuidora de cinco igrejas protestantes, segundo o *Anuário*, possui, pelo menos, uma obra presbiteriana e uma “congregação cristã” no bairro do Frigorífico, um dos centros industriais mais importantes do Estado. Suas vicissitudes e o fato delas dependerem da atividade industrial da localidade, nos provam que se trata de verdadeiras igrejas operárias: é o caso, por exemplo, do trabalho presbiteriano em Osasco, um dos bairros operários de São Paulo. Havia, aí, uma comunidade de caráter interdenominacional quando a abertura de uma nova indústria levou, para a localidade, presbiterianos de Sorocaba: após colaborarem algum tempo com o primeiro grupo, constituíram-se à parte, em congregação da Igreja Unida presbiteriana de São Paulo e a comunidade anterior, menor, suspendeu sua atividade para evitar uma concorrência inútil; entretanto, a usina que os atraía a Osasco fechou suas portas; eles retornaram a Sorocaba e sua congregação desapareceu, enquanto se abria novamente o trabalho anterior, do qual logo se encarregou o pastor da 3.<sup>a</sup> Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo que, em 1937, constituiu-a igreja autônoma (55).

(53). — *Jornal Batista*, de 12-1-50.

(54). — Desde 1923 o Presbitério presbiteriano de São Paulo possuía, aí, sua principal zona de expansão, com profissões de fé particularmente numerosas, “grande sintoma, acrescentava, de que o operariado é acessível ao Evangelho”: *Apêndices às Atas da Assembléia Geral de 1924*, pág. 83.

(55). — *Estandarte*, de 7-1-43.

A existência de um proletariado protestante acarreta, naturalmente, problemas peculiares e novos às igrejas. Os mais evidentes são de natureza política. O protestantismo brasileiro, rural ou intelectual, tendendo, como todos os protestantismos, a uma mentalidade burguesa, revela-se inexperiente diante dos aspectos políticos de que se reveste, naturalmente, a questão social, e, talvez, diante da própria questão social. A seguinte passagem extraída de uma crônica "Amigo Operário", do jornal metodista (56), dar-nos-á o tom que poderíamos chamar o tom do sino protestante, se os campanários protestantes daqui possuísem sinos:

"Ontem você me convidou para compartilhar da festa do primeiro aniversário do seu filhinho. Apreciei o seu zelo e o amor de pai. A sua casa, apesar de modesta, achei-a muito linda. Você e sua esposa tiveram gosto no arranjo do lar. Os poucos móveis, bem dispostos, os vasos com flores, as toalhinhas bordadas, o chão muito limpo, cortinas bem discretas nas janelas. Havia um bom número de pessoas presentes. Conversei com algumas; elas me falaram de sua bondade, e ouvi senhoras presentes dizerem que estavam contentes com a sua esposa, como vizinha e amiga. Nunca mais me esquecerei da mesa bem sortida de doces e daquela criançada barulhenta e feliz que ali se apresentava como a tomar parte no mais festivo banquete do mundo. Você me apresentou o seu filhinho aniversariante, muito gordo, olhos bem vivos, e trajava um calçõesinho azul celeste feito pelas mãos carinhosas de sua mãe..."

Quadro gentil, tocante e, além de tudo, perfeitamente verdadeiro. Mas esta visão das questões sociais que inspirava, há cinquenta anos, as encantadoras narrativas de evangelização operária de Mme. T. Combe, choca-se, hoje, contra duras e cruéis realidades. Está em atrazo — e, com ela, o reformismo socialista, o socialismo cristão e o cooperativismo onde os intelectuais protestantes daqui retomam os sonhos da Europa — diante do aparecimento de um comunismo que já tenta o protestantismo brasileiro, e não somente suas igrejas operárias. Que ganha simpatias entre membros de famílias tradicionais, entre pastores e igrejas, é realidade que urge enfrentar. E não apenas fazendo do comunismo um caso de exclusão, segundo a decisão de uma recente assembléia congregacionalista, recomendando o "interessante e útil folheto" onde um bispo metodista episcopal "expõe o modo de os protestantes enfrentarem o problema do comunismo materialista e ateu" (57), denunciando, como subversivas, personalidades que realmente o não são, como fêz em São Paulo o fundamentalista Mac Intyre, ou submetendo aos leitores presbiterianos uma lista de verdades para meditar, extraídas do *Christian Observer*, segundo a qual "Um cidadão na Rússia 1) não pode possuir um terreno..... 13) não

(56). — *Expositor Cristão*, de 29-6-50.

(57). — Bispo G. Bromley Osnam, *Como os protestantes lutam contra o comunismo*. Publicação da "Imprensa Metodista" anunciada no *Expositor Cristão*, principalmente de 29-6-50.

pode gozar de liberdade religiosa”, sem que se perceba muito bem, pelas verdades intermediárias, se sua ordem de importância é crescente ou decrescente (58). Os políticos pastores contaminados pelas atividades eleitorais sabem muito bem que escolheram as plataformas “trabalhistas” na esperança de que o povo protestante, ao qual fazem vibrantes apelos, seja atraído por seus reflexos avermelhados, sejam eles patrocinados por um antigo ditador ou por um especulador. E é auspicioso ver nisso uma nova prova de que há verdadeiras classes populares protestantes no Brasil, com tendências políticas “proletárias”. Mas, se as Igrejas, quanto a este ponto, sabem apenas permanecer numa atitude de reserva mais ou menos hostil, correm o perigo de deixar que toda essa categoria de seus fiéis seja arrastada por essas tendências, a menos que, alguns dentre eles, sejam levados ao catolicismo pela Ação Católica ou pelos dominicanos franceses.

**O protestantismo brasileiro diante do iluminismo.**

A existência de um proletariado protestante apresenta, por outro lado, problemas de caráter propriamente religioso, pois ameaça desviar a espiritualidade evangélica nesse país — tanto mais que outras circunstâncias, umas indígenas e quase étnicas, outras importadas, agem no mesmo sentido, fora mesmo dos meios populares.

A enfermidade humana, dissociando os meios da graça, faz com que haja três espécies de cristianismo: o cristianismo do Sacramento, o cristianismo do Livro e o cristianismo do Espírito. O protestantismo brasileiro ufana-se, particularmente, de possuir, como base, a Bíblia: compreende mal o Sacramento e se afasta, escandalizado, de quem procure fazê-lo compreender; aperceber-se-á de que pode haver, aí, uma tentação mais forte ainda, para seu povo e, portanto, para si próprio, para o lado do Espírito?

Essa expressão, quase blasfematória em si, de “tentação”, mostra que queremos referir-nos a todo sistema que oponha o Espírito aos outros meios de graça, e particularmente à Revelação Escrita. Basta, entretanto, pensarmos na atração que o animismo afro-brasileiro exerce sobre as classes mais cultivadas, para chegarmos à conclusão de que a expressão não é tão pesada. O protestantismo deste país soube lutar contra o animismo com um rigor e decisão que, talvez, dêle afastaram os elementos que mais o arrastavam nesse sentido: em sua maioria, já o dissemos, é ele bem pouco “colorido”. Nesta ocorrência usou ele processos que os estetas, os sociólogos e os folcloristas são livres de classificar como extremados. Conta-se que um negro do norte, discutindo com um evangelista batista, — menos instruído que ele, talvez, ou, em todo caso, menos compreensivo, mas cujos apelos à salvação.

---

(58). — Norte Evangélico, de 15-6-50.



o comoviam — defendia seus fetiches. “Êles são pedras roladas e não ídolos feitos pelas mãos dos homens, logo a Lei de Deus não as proíbe; deixai-mas, como lembrança do Espírito que criou o mundo”. Diante do que, o evangelista obrigou-o a quebrá-las em pedacinhos.

Mas, se o velho animismo pôde ser vencido, o protestantismo, com uma grande parte de sua população, corre o risco de ceder às suas novas formas, em conseqüência de novas circunstâncias: o abandono da leitura e o infantilismo de uma civilização conquistada pela técnica e pela máquina.

O protestantismo baseava-se no Livro e, por isso mesmo, em pessoas que sabiam ler ou aprendiam a ler, e que amavam a leitura. Ora, é lícito perguntar se a éra do livro não é passada, pelo menos no Novo Mundo. Que poderão ler fora de sua Bíblia, os protestantes que aprenderam a ler através dela? Uma das historietas do *Risum Teneatis?* (59) conta de um pastor que interrogava uma mulher, cujo marido revelara grande interesse em aprender a ler. “Êle lê sempre sua Bíblia com o mesmo ardor?” — “Sua Bíblia? Ah! não. Agora seu curso de Bíblia já está terminado, e êle lê, apenas, política e os jornais de esporte”. Num mundo que aprende a ler mas que lê cada vez menos, a Bíblia corre o risco de perder seu terreno (60). Por que tanto trabalho, se basta girar o botão do rádio? Certamente o rádio transmite cultos e sermões, mas que são a palavra humana, e, embora fundados sobre a Revelação Escrita, tendem a substituí-la. Gira-se o botão de rádio, atendendo-se à necessidade do ouvinte. Os cristãos muito “modernos” e “de nossos dias”, que são os membros do Rearmamento Moral, falam em “dar uma telefonada” a Deus e receber dêle, uma resposta direta, tornando a Bíblia desnecessária. O rádio substitui o livro pela comunicação direta do pensamento humano; não é natural que o Espírito substitua a Bíblia, pela comunicação direta do Pensamento divino?

A Bíblia exigia a meditação de um indivíduo isolado. Uma civilização degenerada, hedonista e mecânica não favorece a meditação, o individualismo e a solidão. A uma religião que os exigia e desenvolvia, ela tende a opor a do influxo recebido em comum, sem esforço, e no agradável sentimento da comunhão da massa. Aqui também o “Espírito” vence — pode ser invocado onde êle sopra. O conjunto de tôdas essas circunstâncias cria, no Brasil, um clima cada vez mais favorável ao iluminismo religioso. Assim, êste nos parece ser o verdadeiro problema do protestantis-

(59). — Pág. 23.

(60). — Bastaria, para reconquistá-la, colocá-la em “quadrinhos”, sob a influência norte-americana? Foi o que aconteceu num jornal para adultos, como o *Estandarto*, de Carlos Pereira, o que lhe valeu vigoroso protesto do Presbitério Noroeste (nro. de 28-2-50). Mas a publicação continua e seu promotor, candidato às eleições, apela para êsse mérito a fim de conseguir os votos dos eleitores protestantes.

mo neste país, e não os demais — liberalismo, ecumenismo, fundamentalismo — nos quais se procura interessá-lo porque os protestantismos estrangeiros os suscitaram. Aliás, estes também enfrentaram o iluminismo, em tempos mais ou menos longínquos, quando se tratava dos “profetas espirituais”, anabatistas e outros, do século XVI, do “quakerismo” do século XVII da “inspiração” camisarda do século XVIII, ou da teosofia mais ou menos maçônica da época pré e post-revolucionária. Resolveram o problema aproveitando-se de suas experiências místicas e reconduzindo-os à Bíblia. O protestantismo brasileiro talvez vá enfrentar essa tarefa, e em condições que as circunstâncias mencionadas há pouco tornarão mais difíceis.

Desde seus primórdios, como dissemos, o protestantismo brasileiro teve em Miguel Vieira Ferreira um campeão do iluminismo, e em sua Igreja Evangélica Brasileira uma primeira comunidade de inspirados. Entretanto, a forte personalidade, a cultura real e a autoridade do Dr. Miguel, limitaram as conseqüências daquilo que seus princípios poderiam ter de perigoso. Depois de sua morte, em 1896, a Igreja teve a sabedoria de apontar, como sucessor, seu irmão mais velho, Dr. Luiz, também antigo oficial e engenheiro; afastou, para isso, a candidatura de um preto, Bilbiano, que se consolou fundando, em São Paulo, uma comunidade no gênero do movimento do Padre Divino norte-americano (61), a qual reconheceu mais tarde, como pastor, o “filho da promessa” que o fundador tivera de seu segundo casamento, o jovem Israel. O ministério do Dr. Luis revelou seu desejo de aproximar a Igreja Evangélica Brasileira das outras denominações protestantes, através de seus ensinamentos, dos órgãos com que se dotou e das boas relações que seu pastor procurou manter com elas. Depois de sua morte, em 1908, a Igreja sofreu grave crise que excitou seu iluminismo, até então demasiado teórico. Enquanto sua maioria desejava que o sucedesse o filho do fundador, chamado dos Estados Unidos onde estava estudando, no colégio Moody, uma minoria chefiada por uma filha do Dr. Luiz, d. Sara, proclamava pastor um homem de negócios que fôra o braço direito de seu pai. Houve um cisma e a coexistência de duas comunidades concorrentes até 1911. Essas circunstâncias levaram os partidários do “filho da Promessa” a insistir no caráter sobrenatural da vocação que seu pai recebera. Sua prima, d. Sara, multiplicando as efusões de um misticismo bastante singular, não obstante “filha mais velha da Igreja” (era a primeira criança do sexo feminino nascida após a fundação da Igreja Evan-

---

(61). — Algumas indicações úteis a esse respeito, mescladas a incompreensões e erros, serão encontradas num estudo sociológico publicado sob o título “Subúrbio”, por Oswaldo E. Xidieh, na Revista do Arquivo de São Paulo n.º CXTV, 1947, pág. 173/184.

gética Brasileira) (62), divulgava as revelações que o Dr. Miguel recebera sem, entretanto, torná-las públicas, e que faziam dele um enviado de Deus e o anjo de uma nova dispensação (63). Os amigos íntimos do fundador foram além: "Havendo o Snr. Neves pedido ao Pai que lhe mostrasse Seu Filho, Miguel, que estava ainda sobre a terra, lhe foi revelado" (64). Estava ele, naturalmente, tentando atribuir ao Dr. Miguel o que a Bíblia diz sobre o "príncipe" ou o arcanjo Miguel, e que inspirou o hino oficial da Igreja, a "Marcha" que as comunidades dessa denominação cantam com todo o entusiasmo, num tom agudíssimo, peculiar às reuniões de inspirados (65).

O iluminismo originário e essencial da Igreja Evangélica Brasileira exprimia-se assim, e devia continuar a exprimir-se em textos místicos ou poéticos assaz inquietantes. Entretanto, é necessário distinguir aquilo que os fiéis, de qualquer comunhão que seja, cantam e proclamam como sendo sua especialidade, daquilo que eles realmente crêem e do que realmente vivem. Por outro lado, nos grupos inspirados mais que em todos os demais, cumpre acentuar a preponderância da personalidade de seu guia espiritual. Ora, a Igreja Evangélica Brasileira possuiu, e felizmente possui ainda, no Rev. Israel Ferreira Vieira, um homem do mais alto valor humano e religioso. A confissão de fé com que ele a dotou, em 1926, sob o nome e a forma de um Decálogo, confere-lhe bases perfeitamente aceitáveis, quer se trate das revelações, nas quais se afirma que "Deus, na Sua Onipotência... se comunica com o homem, manifestando-Se à Sua criatura como e quando Lhe convém", ou dos sentimentos da comunidade com relação ao Dr. Miguel, que são os de uma profunda mas bem justa reverência (66).

---

(62). — "Sou tua primeira filha... Fui a primeira criança que sentiu tua ternura maternal e, como tal, desde então até hoje, sem prejuízo do amor que consagras a teus inúmeros filhos, posso dizer em verdade que em mim se concentra todo teu amor de Mãe amante": *O Trabalho* (jornal da Igreja durante o pastorado do Dr. Luiz, continuado pelos cismáticos e suprimido após a cessação de sua dissidência, 1908, pág. 89).

(63). — "Miguel veio no poder do Espírito Santo; a dispensação (*capitania*) do Espírito lhe fôra conferida para que ele pudesse realizar a obra grandiosa cuja execução lhe fôra confiada. Para que pudesse cumprir perfeitamente essa missão tão grandiosa, era necessário que tivesse nele toda a riqueza do Céu, e ela lhe foi conferida" (Revelação de 24 de março de 1883). "Miguel é amor do Pai, amor do Filho, amor do Espírito Santo. Jesús Cristo é a graça de Deus, Miguel é a graça de Jesús Cristo. Jesús Cristo veio para a glorificação do Pai, e Miguel veio para a glorificação de Jesús Cristo" (Revelação de 11 de junho de 1883).

(64). — Fascículo III, publicado pela Igreja, pág. 13.

(65). — "Nesse tempo — profetiza Daniel — se levantará o grande príncipe Miguel — o protetor de teu povo — condutor dos filhos de Deus — e Filho da Mulher.

Exultemos, irmãos — aceitemos o grande príncipe Miguel — que vem vencer o dragão — Pela promessa que Deus fez à mulher — Ele vem com a justiça de Cristo — No poder do Espírito Santo — E com o nome de Miguel!"

(66). — "A memória do Dr. Miguel Vieira Ferreira achando-se intimamente ligada à história da fundação da Igreja, é imensamente agradável a todos os membros, que se lembram constantemente, com tristeza, dos ensinamentos desse homem augusto, e procurando deles tirar o proveito necessário a suas almas".

Sem dúvida, encontram-se na teoria das relações entre o “pastor visível” — que representa o Cristo — e seus fiéis, conclusões que levam muito longe concepções semelhantes às da “inhabitatio Christi”, professadas outrora por um discípulo de Lutero, Osiander, ou que levam a conseqüências extremas a noção da Igreja Corpo de Cristo (67). Mas era bastante ver o Rev. Israel Vieira Ferreira entre os seus fiéis, para compreender a que real sentimento corresponde essa teoria. Reunidos ao redor desse homem idoso, inteligente e bom, não deixam eles de receber sua orientação. Que ele os tenha levado aos pés de Cristo e que tenha sido para eles o outorgante do Espírito Santo é por demais evidente para que não nos embaracem fórmulas abruptas. Se, por outro lado, o pastor é, verdadeiramente, para os protestantes, o ministro da Palavra de Deus, se ele administra a Palavra que é de Deus, o que será mais herético testemunhar-lhe, à saída do sermão, deferência e amor, mesmo beijando-lhe a mão (como se faz aqui ainda com os parentes idosos), ou voltar-lhe as costas desembaraçadamente, criticando sua pregação, e acreditando que nós a teríamos feito melhor?

Na realidade, o regime teocrático, que é o da Igreja Evangélica Brasileira, chegando a colocar teoricamente seu pastor num plano super-humano, corrige os perigos que o recurso à inspiração poderia apresentar. Estabelece ele uma espécie de gradação hierárquica entre as iluminações que podem ser recebidas na Igreja: está bem especificado (68) que os presbíteros e os diáconos que ajudam ou substituem o pastor que esteja na direção de comunidades “recêbam (do Céu) e transmitam ordens”, ao passo que os velhos fiéis agraciados com o título de “ancião” e que transmitem aos irmãos suas experiências “recebam e transmitam conselhos”. Uma inspiração individual deve ser, por outro lado, confirmada por outros fiéis que tenham tido a mesma experiência. Enfim, as iluminações por meio de visões auditivas, visuais ou de outras espécies que nos foram referidas, podem ser consideradas bastante inúteis, contentando em confirmar uma palavra humana, ou um texto bíblico, não se podendo, entretanto, imputar-lhes iniciativas lamentáveis (69). Não é menos verdadeiro que, sem os orienta-

---

(67). — A Igreja Evangélica Brasileira admite, como Lutero, que o Verdadeiro Corpo e o Verdadeiro Sangue de Cristo, contidos nas Espécies Santas, atribuem ao corpo do fiel os germes da ressurreição futura; com Osiander, que cada verdadeiro crente é habitado por Cristo. Por outro lado, se a Igreja é o Corpo de Cristo, o pastor, cabeça da Igreja, participa duma forma toda especial dessa “cristificação”.

(68). — Fascículo III, pág. 35.

(69). — De maneira geral, os visionários protestantes, ao contrário dos iluminados católicos, confirmam as Santas Escrituras, em lugar de a ela fazerem adições, conforme a fórmula feliz pela qual um pastor presbiteriano resolvia o problema colocado há algum tempo pelo caso do Dr. Miguel: “Deus pode sempre falar diretamente aos homens, mas ele nada mais revela”. Se aconteceu diferentemente com o fundador da Igreja Evangélica Brasileira, de origem católica, parece que as visões recebidas hoje em dia em sua Igreja são de alcance muito modesto.

dores de valor que até aqui possuiu, o iluminismo da Igreja Evangélica Brasileira poderia tornar-se perigoso, tanto mais pelo fato de que essa Igreja não parece atribuir importância suficiente à instrução bíblica na vida religiosa dos fiéis.

A sobrevivência, 54 anos após a morte de seu fundador, de uma Igreja tão estreitamente condicionada à sua figura é prova de uma fidelidade digna de nota. Mas êste caráter bastante pessoal explica, sem dúvida, porque a Igreja Evangélica Brasileira não se desenvolveu fora dos meios que estiveram sob a influência dos companheiros diréto do Dr. Miguel ou que podem ser alcançados pela influência de seu filho. Fora as duas grandes comunidades do Rio e de São Paulo (esta parece ultrapassar a outra em número) ela se reduz a alguns pequenos núcleos esparsos do norte ao sul do Brasil. Visitados de tempos a tempos por algum presbítero ou diácono em viagem de negócios, vivendo apenas das lembranças dos fiéis do Dr. Miguel ou do Dr. Israel, seus fundadores, e de suas revelações particulares, bastante modestas, sem dúvida, êsses núcleos devem levar existência bastante semelhante àquela que levavam, no sul da França, até sua extinção recente, os grupos de "inspiradós" herdeiros dos "profetas" camisardos, ou àquela que levam ainda os últimos adeptos da "Pequena Igreja" anticoncordatária, sempre apegados à tradição das querelas eclesiásticas do tempo de Napoleão I, e encontrando consôlo apenas na espera do Espírito que, dizem, vem visitá-los de tempos em tempos. Mas se esta manifestação histórica do iluminismo, já envelhecida por mais de 80 anos, parece enquistada, as disposições de espírito e as necessidades que lhe deram origem possuem, ainda hoje, o mesmo sucesso do espiritismo ou do pentecostismo.

O primeiro dêsses movimentos é estranho ao cristianismo, não obstante as pretensões de Kardec e de seus discípulos em dar-lhe aspecto e conteúdo "evangélico". Assim, ao nos referirmos a êle apenas lembramos que constitui, para o protestantismo, um perigo — tentando seus membros com sua doutrina — e uma limitação pelo fato de atrair a si almas insatisfeitas com a Igreja tradicional, as quais poderiam ser conquistadas pela igreja protestante. Surgido no Brasil desde 1857 (70), com seu primeiro grupo constituído em 1865 e um primeiro periódico, *O Êco d'Além Túmulo* publicado na Bahia, a partir de 1869, atraiu desde logo, — natural-

---

Igualmente as duas mensagens divulgadas pelas Congregações Cristãs do Brasil, como tendo sido dadas por Deus em 1908, na sua Assembléia de Chicago, não contém qualquer revelação nova, mas apenas, em estilo bíblico, a anunciação de provações vindouras, cuja confirmação os "crentes" italianos reconheceram nas dificuldades opostas pelo governo fascista ao seu movimento.

(70). — Tôda a documentação e bibliografia úteis encontram-se no livro do melhor especialista católico da questão, o Pe. Vicente M. Zioni, *O Problema espirita no Brasil* (São Paulo, 1942), fruto da "Semana de estudos anti-espiritas" realizada em setembro de 1941, no Grande Seminário do Ipiranga. Devemos a êsse eclesiástico a comunicação de estudos mais recentes, que aqui agradecemos.

mente junto com uma grande maioria constituída por antigos católicos — algumas pessoas que se haviam convertido ao protestantismo (71). Os pastores das diversas denominações tiveram que combatê-lo: foi assim que o presbiteriano Alvaro Reis manteve longa polêmica com Luiz Matos, fundador do anti-kardecismo “racional e científico” do “Centro Espírita Redentor” (72); os meios batistas, mais populares e mais sensíveis ao sensacionalismo espiritual, foram particularmente atingidos, principalmente no Norte, onde possuíam grande força as influências do animismo negro e “sertanejo”, o que provocou uma controvérsia do missionário americano Mein com o diretor do centro de Maceió e seu jornal *A Luz* (sem, entretanto, recusar deles o apóio contra os clericais) (73). Um dos mais antigos chefes atuais do espiritismo paulista, Dr. Romeu do Amaral Camargo, professou em 1902 na Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, tornou-se presbítero e pregou algumas vezes nas salas de evangelização, antes de aderir ao kardecismo (74). A mesma fraqueza teológica e o mesmo pragmatismo sentimental que, a exemplo dos Estados Unidos e de seus missionários, impediram e impedem ainda muitos protestantes de aceitar a incompatibilidade do Evangelho e da Maçonaria, tornam, igualmente, certo número deles sensível ao emprêgo que o espiritismo faz, aqui, da Palavra de Deus, sem se aperceberem de que êle a nega pretendendo completá-la por uma “terceira Revelação”: certo pastor eminente, combatendo-o através de conferências, tratava-o por heresia cristã.

Relativamente à importância do papel de limitação ou de diversão que êle desempenhou em face do protestantismo, basta citar algumas cifras. O recenseamento de 1940 assinalava, no Brasil, a existência de 463.400 espíritas suficientemente decididos para se inscreverem como tais na coluna “Religião”, e considerando suas crenças um verdadeiro culto. Eles eram particularmente numerosos no Estado de São Paulo, onde quase alcançavam o efetivo protestante: 155.037 para 175.934. É que se trata de uma verdadeira religião que pretende organizar-se em corpo social, nota-se pelo fato de que o recenseamento acusa, segundo indicações dos pais, 25.507 “espíritas de 0 a 9 anos” só no Estado de São Paulo, e 105.262 em todo o país. Em 1943, *A Alvorada, Jornal Espírita de São João da Boa Vista* assegurava (n.º de janeiro-fevereiro):

- 
- (71). — Temudo Lessa cita, principalmente os presbiterianos David dos Santos, Severina Pereira, Antônio Alves, Pedro Lameira de Andrade (*Anais*, pág. 227, 305, 409, 601).
- (72). — Ver as *Cartas ao Chefe do protestantismo no Brasil combatendo a sua seita e provando ser a Bíblia um livro perigoso por afirmar mentiras* (Rio, 1928), onde foram reunidos os artigos publicados em seu periódico *A Razão*. Alvaro Reis respondeu no *Puritano*.
- (73). — Crabtree, *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 118: “O espiritismo, inimigo subtil do Evangelho, desolava as igrejas, enganando o povo com subterfúgios. Bom número de crentes tombava nos laços do inimigo”.
- (74). — *A Causa batista em Alagoas*, pág. 55-57.

“Somos no Brasil somente, cêrca de 10.000.000 (dez milhões) de adeptos do Espiritismo”. Era exagêro, evidentemente, e as cifras apresentadas pelos *Anais do 1.º Congresso da União Social Espirita* do Estado de São Paulo, se atingem o número total de 711.098 adeptos, assinalam apenas 50.000 recenseados com certeza, pertencendo a 551 das 733 entidades espíritas organizadas; os 33.333 membros das sociedades organizadas mas não recenseadas, os 592.585 praticantes do “espiritismo doméstico” e os 29.629 extra-vidados no “espiritismo irregular” (o “espiritismo de Ubanda” mesclado de fetichismo e de magia negra) parecem pertencer à precisão do sonho ou do desêjo mais que da boa estatística. Entretanto, o número das sociedades espíritas basta para indicar a importância do movimento: o *Diário Oficial* do Estado registra a existência de 634 de 1936 a 1940; acabamos de ver que, em 1947, o Congresso Espirita revelava a existência de 733. É sem dúvida, as “colunas espíritas” dos periódicos mostram quanta anarquia e desentendimentos há entre elas. Sem dúvida também, não obstante a antiguidade do movimento no Brasil, não parece que êle tenha ultrapassado o estado de opiniões, a ponto de constituir um corpo social sólido que transmita um credo ou experiências de pais a filhos. Sem dúvida, enfim, sua notável atividade beneficente, uma das razões de seu êxito, constitui uma base bem pragmatista para uma religião (75). Estas não são críticas, entretanto, que o protestantismo brasileiro, no seu conjunto, possa expressar. Essas disposições e circunstâncias não lhe são estranhas e revelam, nos espíritas (não sob o ponto de vista da doutrina), mentalidades bem próximas das de seus próprios adeptos (76). Havia entre êses espíritas centenas de milhares de almas insatisfeitas com a religião oficial e que buscavam uma mensagem mais pessoal, mais evangélica, e sôbre as quais o pretenso evangelismo de Kardec teve grande influência. Essa foi a segunda derrota do protestantismo brasileiro nesse terreno do iluminismo religioso. Pela ilegitima decisão do presbitério de 1879 (“Deus não fala mais diretamente aos homens”), excluiu-se Miguel Ferreira Vieira e seus adeptos e condenara-se espíritos ardentes e de uma fé profunda a uma vida separada, encerrada em suas próprias tradições, sem ação exterior, constantemente ameaçada pelo ressurgimento de um misticismo católico aberrante e, como mostra o caso de Bilbiano, pelo desequi-

(75). — Encontrar-se-á nos *Anais do 1.º Congresso*, já citado (pág. 5-6), uma análise bem interessante sôbre as fraquezas do espiritismo paulista.

(76). — A polémica católica compraz-se em estabelecer essa aproximação, como revelam, por exemplo, os títulos dos trabalhos de Monsenhor Miguel Martins, *Eslarecimentos sôbre o Protestantismo e o Espiritismo* (São Paulo, 1918) e do Pe. João Pedro Fusening, *Espiritismo e Protestantismo* (São Paulo, 1936). Pio XII a assinala, por sua vez, em sua carta *Allatum est nobis*, de 22-3-1939, ao primeiro Concílio Geral Brasileiro: *Agendum de propulsandis malis atque damnis, quae a protestantismo erroribus que usu spiritismi animarum salutem obveniunt*. Note-se que o papa vê apenas uma prática e não uma doutrina, no espiritismo.

librio mental, para não se falar em inspiração diabólica. Muito pouco numeroso e interessado exclusivamente na luta contra o catolicismo, o protestantismo deixou-se, em seguida, vencer pela vaga do espiritismo, de cuja gravidade não parece ter-se apercebido, quando não o considerou um aliado do tipo da Maçonaria. Ora, a Maçonaria não é cristã, e essa ausência do nome de Cristo em suas peças — tão frizada por Eduardo Carlos Pereira sem, entretanto, conseguir convencer os missionários nem a Igreja Presbiteriana — é justamente o que limita sua devastação em matéria espiritual: seus adeptos são novos e desconhecedores de tudo o que se refere à pessoa e obra do Redentor, que poderia ser revelado pelos cristãos como uma novidade. Mas o espiritismo kardecista dá-Lhe um lugar, rende-Lhe pretendidas homenagens, divulga e comenta Seus ensinamentos relativos à vida moral e social, negando Sua essência e Seu papel exclusivo e dando aos membros das “sessões” contatos com o invisível e certezas materiais sôbre a Vida futura ignoradas em Sua mensagem inferior e incompleta. Neste ponto, é exatamente a história do maometismo que recomeça, com seu trabalho de esterilização no que se refere às possibilidades cristãs: imbuídos de uma diluição adulterada do cristianismo mas na qual julgam encontrar-se mais que no cristianismo, os espíritas, como os habitantes do Islão, crêem conhecer Cristo e havê-Lo ultrapassado — e nunca voltarão do mais ao menos.

Uma terceira experiência apresenta-se, atualmente, ao protestantismo, e oferecê novamente, às almas em questão, sua própria mensagem, acrescida de manifestações constantes e poderosas do Espírito. E o pentecostismo, a grande primavera atual do “espiritualismo” nos meios protestantes do mundo inteiro, que pretende nele criar Igrejas “do Pentecostes”, com graças extraordinárias, efusão ou batismo do Espírito Santo, curas pela fé, profetismo e — testemunho decisivo da inspiração — essa glossolalia, êsse “falar em línguas estrangeiras” (ou melhor, estranhas), onde o fiel em êxtase tem expansões intraduzíveis mas reconfortantes para si e seus companheiros de fé. Reaparecida com grande intensidade há cinqüenta anos essa forma da fé cristã, tão velha quanto o cristianismo se bem que posta à sombra pelas Igrejas oficiais, ganhou extensão considerável entre os meios protestantes, não encontrando mais, diante de si, um Lutero ou um Calvino que denunciasses os perigos de uma revelação pessoal que se sobreporia à Revelação Escrita, à Bíblia. Uma de suas primeiras manifestações no Brasil foi o aparecimento, em Belém, em 1911, de missionários pentecostais suecos, que conseguiram numerosos adeptos na comunidade batista (77). A seguir sua obra desenvolveu-se consideravelmente, particularmente nos Estados do Norte: o *Directorio Protestante* do Pe. Rossi atribuía-lhes já, em 1938, — para falarmos apenas de

---

(77). — *História dos Batistas do Brasil*, t. I, pág. 136-137.



seus centros mais importantes — 12 comunidades no Amazonas, 11 em Pernambuco e 48 no Pará. As cifras, hoje, seriam bem superiores: todos os Estados foram atingidos (sempre com preponderância do movimento do norte). Recentemente, o pastor de Petrópolis efetuou grande número de batismos na própria piscina do Hotel Quitandinha, posta à sua disposição sem dificuldade (78).

Não nos deteremos, entretanto, na obra das "Assembleias de Deus", — nome que adotaram essas comunidades. Criadas por missões escandinavas, possuindo no Brasil numerosos propagandistas, dotadas de pastores, de conselhos hierarquizados, de um jornal que já tem trinta anos — o *Mensageiro da Paz* — constituem elas uma nova denominação protestante, eclesiasticamente bastante semelhante às demais, com seus problemas e procurando manter com elas relações as mais fraternais. Rejeitadas pelo velho protestantismo que as considera heréticas (mas que, em muitos lugares, fornece-lhes numerosos adeptos), elas não pertencem à "Confederação Evangélica Brasileira" com a qual entretanto, mantêm boas relações, tendo mesmo adotado sem dificuldade as suas recomendações relativas ao recenseamento. Por outro lado os batistas manifestam para com elas acentuada hostilidade. No Brasil, como no resto do mundo, elas são uma Igreja protestante entre outras, com suas doutrinas particulares mas também — justamente o que faz delas uma Igreja protestante — com a Bíblia como centro de seus ensinamentos e de sua vida, a Bíblia toda, sinceramente explicada aos fiéis e seus filhos, nas Escolas dominicais, nos cultos e nas "Semanas de Estudos Bíblicos" e "Escolas Bíblicas", organizadas no plano local ou por ocasião das Convenções regionais ou nacionais que dirigem a denominação.

Esse pentecostismo, organizado e bíblico é, em suma, uma nova manifestação do protestantismo brasileiro, e será, sem dúvida, um de seus carismas, do mesmo modo que as outras denominações. O problema, análogo ao da Igreja Evangélica Brasileira e do espiritismo é constituído por um outro ramo do pentecostismo, o das "Congregações Cristãs do Brasil". Sua história é particularmente interessante, pois é a história da criação, por um homem apenas, de um vasto movimento espiritual que constitui verdadeira vitória sobre o passado: êsse homem, o operário italiano Luigi Francescon, teve a glória de realizar, no mundo inteiro, essa Reforma Italiana que o século XVI vira surgir cheia de promessas, para logo em seguida desaparecer (79). Nascido na província de Udine, em 1866, emigrou para os Estados Unidos e ai tornou-se protestante; um dos fundadores, em 1892, da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana

---

(78). — *Mensageiro da Paz*, 2.<sup>a</sup> quinzena de fevereiro de 1950.

(79). — Seguimos, aqui, uma pequena nota autobiográfica, escrita de modo notavelmente inculto e indireto, traduzida sob o título *Resumo de uma ramificação na obra de Deus pelo Espírito Santo, no século atual* (São Paulo, 1942).

de Chicago, foi um de seus dirigentes até que experiências pessoais e, sem dúvida, alguma influência pentecostista, levaram-no a criar um movimento dessa natureza entre os emigrados italianos. As relações que estes mantinham com seu país de origem foram causa da expansão desse movimento na Itália, particularmente nas províncias do sul e na Sicília, onde sua enérgica resistência às injunções fascistas lhe concederam extraordinário prestígio, fazendo dele o mais importante de todos os agrupamentos religiosos não católicos. Ao mesmo tempo desenvolveu-se êle no mundo inteiro, particularmente no Brasil, onde a grande imigração italiana formava um meio já preparado e um ponto de partida. Surgiu em São Paulo em 1908; e por volta de 1916, para obedecer às autoridades, organizou-se com seus estatutos que foram muitas vezes reformados e completados (80) e, em 1936, começou a publicar um *Relatório e Balanço* anual cuja série nos permite aquilatar seus progressos, graças à precisão com a qual são apontadas as novas adesões e as comunidades organizadas. O quadro seguinte revelará essa extensão:

A n o	Total das adesões anuais	Adesões em São Paulo	Comunidades	Salas de culto	Patrimônio
1936	2.100				
1937	3.209	788	244	22	857.521
1938	3.282		252	37	1.115.180
1939	4.065		267	53	1.293.830
1940	3.218		305	52	1.618.416
1941	4.312		347	65	1.976.454
1942	4.187		379	68	2.318.020
1943	5.325		412	82	2.776.785
1944	5.276		448	88	3.404.117
1945	5.188	861	473	96	4.088.628
1946	7.377	1.169	513	107	5.130.296
1947	8.065	1.199	571	124	6.654.290
1948	9.187	1.388	660	145	12.467.382

De origem paulista, as Congregações Cristãs do Brasil são sobretudo numerosas no Estado de São Paulo e sua dependência, o Norte do Paraná; são representadas em Minas, Goiaz, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Nas regiões do norte, naturalmente, ressentiram-se da falta de bases italianas e da presença do outro ramo pentecostal, o das Assembléias de Deus. De modo que é sobretudo a região paulista que constitui seu apanágio. Aqui, entretanto, desfrutam de uma situação que poderá ser apre-

(80). — Estatutos aprovados em 4 de março de 1931 e reformados em 23 de abril de 1943, 29 de novembro de 1944 e 4 de dezembro de 1946 em Assembléia Geral. São Paulo e Rio, broch. Ver também o *Resumo da Convenção* realizada em 20, 21, 22, 24 e 25 de fevereiro de 1936 e *Reuniões de Ensinamentos* realizadas em 25, 26 e 27 de março de 1948. *Ibidem*, s/d, broch. Existe até um *Regulamento das Orquestras* (*ibidem*, s/d, broch.).

ciada pela comparação, nas dioceses do Estado de São Paulo, entre o número de paróquias católicas e o das Congregações, na data de 1948:

São Paulo .....	129 paróquias	82 Congregações (das quais 43 na capital)
Santos .....	25	14
Lorena .....	13	5
Sorocaba .....	32	71
Botucatu .....	33	33
Assis .....	28	16
Cafelândia .....	44	55
São José do Rio Preto ....	41	41
Jaboticabal .....	24	9
São Carlos .....	42	26
Campinas .....	42	17
Ribeirão Preto .....	51	28

Sem dúvida, estas “congregações”, que muitas vezes se reduzem a pequenos grupos, nada possuem em comum, em matéria de força, número de fiéis, e prestígio social, com as paróquias católicas. Mas são pontos de disseminação de uma propaganda bastante incisiva, sustentada por uma rígida organização e por recursos financeiros bastante consideráveis. Organização e recursos financeiros: isso parece estar em contradição com um movimento que pretende ser o menos organizado possível e que recruta seus membros apenas nos meios populares. A recusa à organização humana é o ponto de separação entre as Congregações e as Assembléias de Deus. Não se trata apenas de uma diferença eclesial, mas de uma questão de princípios. Enquanto as Assembléias possuem missões, missionários, pastores, convenções, jornal, receita certa, as Congregações afirmam que vivem apenas do Espírito Santo, e sua organização — que repousa em “ancião” com funções pastorais, em “encarregados” que são os evangelistas, em “presbíteros”, e em convenções anuais — é constituída, sobretudo, por um ato de obediência aos poderes públicos. Fornecendo todas as informações que estes solicitam, deixam de lado tudo o que, fora esses imperativos, arriscaria materializar e circunscrever a obra do Espírito Santo. Este apenas é senhor, manifesta-se onde quer, e os planos de direção humana são uma heresia. Realmente, acontece que ele se manifesta particularmente sobre este ou aquele privilegiado, e aqui também a inspiração dá origem a uma teocracia bem definida. Tem-se a impressão de que tal industrial, pela sua fé, sua antiguidade na comunidade (onde nasceu) e, talvez, outras facilidades que lhe confere sua posição social, possui um papel preponderante entre todos os seus irmãos. Suas qualidades de administrador que ele tem “no mundo” devem aproveitar à obra religiosa que é sua preocupação constante — e sem dúvida ele não é o único nesse caso. Com relação ao dinheiro, os privilegiados da fortuna, que o são devido ao seu trabalho, são pouco numero-

sos nas Congregações. Não sendo, entretanto, pagas, nenhuma espécie de ministério nem outra atividade, nem mesmo a da guarda das salas de culto ou a dos "anciãos" ou dos "encarregados", as despesas das congregações são bem pequenas. Ora, a generosidade dentro delas é grande, não porque o dízimo seja obrigatório (isso seria organização e um recurso à Lei ofensivos ao Espírito), mas porque os fiéis são dedicados e pertencem a esses meios populares onde se sabe dar tanto quanto dar-se. No total, as Congregações possuem muito dinheiro líquido nas mãos, o que lhes permite construir capelas que não são absolutamente ranchos disfarçados, e o templo que irão construir em São Paulo, num quarteirão da rua do Hipódromo, no Braz, que é um dos seus domínios (um pouco talvez devido ao fato de ser a sede das Indústrias Reunidas Irmãos Spina), terá capacidade para 5.000 lugares.

A doutrina pregada por eles é a do pentecostismo, por isso não nos deteremos mais sobre esse ponto. Será mais interessante ressaltar, aqui, os traços que sua lógica e sua intransigência dão à propaganda e à vida moral das comunidades. Teórica e oficialmente não há propaganda, sempre porque o Espírito se manifesta onde quer: realmente, os fiéis, individualmente, dão prova de um vivo proselitismo (81), e o exemplo de sua vida tanto quanto, creiamos, o das curas que proclamam, atraem muitos curiosos simpatizantes, alguns dos quais rapidamente se tornam convertidos. Por outro lado, um estranho qualquer, atraído por esse meio ardente, não esbarra em muralhas de legalismo ou puritanismo. As Congregações não conhecem outras ordens senão as do Espírito. Rejeitam as prescrições da antiga Lei judaica, mantidas e modificadas pelas Igrejas cristãs. Assim, nelas não há o problema da "guarda do domingo", tão severa em muitas denominações protestantes, e essa liberdade de trabalhar no Dia do Senhor é de grande utilidade para muitos trabalhadores que a isso são obrigados e para os quais essa proibição acarretaria grave problema de consciência. Não há rigorismo de princípios. As mulheres têm direito de cortar os cabelos e de se enfeitarem; nenhuma regra de moral é imposta aos jovens, como imperativo categórico. As "filhas do Espírito" sabem que não lhes convém adotar os costumes do século, e trazem sempre, durante o culto, o veu recomendado pelos apóstolos; e o moço "crente" que se conduzisse mal, saberia que o Espírito o obrigaria a confessar sua falta em plena Assembléia. Assim, fora de todo puritanismo de princípio, estabelece-se entre os convertidos uma moral comumente elevada e um rigorismo de fato,

---

(81). — "Não temos jornais religiosos, nem correspondência com os que editam com esse fim determinado; não colaboramos. Na Palavra de Deus temos tudo o que nos é necessário, caminhamos assim na doutrina de Deus com o guia do Espírito Santo. Outras luzes não queremos. O tempo muda sempre, porém a Palavra de Deus é imutável; mudam os homens, porém o Senhor é o mesmo e eterno fiel", *Resumo da Convenção*. s/d, pág. 24).

bem conhecido pela opinião pública: com os “glórias” ou os “línguas de fogo”, como são êles chamados, não há discussões, a palavra dada é respeitada, e as jovens empregadas pertencentes a êsse grupo são de tôda confiança.

É pois motivo de alegria ver constituírem-se, assim, numerosas e algumas vêzes imensas comunidades que praticam as virtudes cristãs, cantam os cânticos evangélicos, oram e obedecem fielmente às instruções do Espírito Santo. A prova de que se trata de um movimento sério nos é dada pelo fato de que muitos crentes a êle pertencem há longos anos, algumas vêzes durante vidas inteiras, e há famílias onde se é “glória” de pai a filho — e também ao fato de que as “Congregações” são muito menos instáveis do que afirmam observadores pouco simpatizantes e mal informados. (Basta comparar sua relação, de um ano a outro, para ver que o número de comunidades que desaparecem não é particularmente grande).

Parece-nos, entretanto, haver nas Congregações uma profunda fraqueza, que faz com que não as possamos considerar absolutamente protestantes (o que, aliás, elas não pretendem, mantendo-se afastadas de tôdas as igrejas) mas que nos faz desejar que o protestantismo brasileiro se interesse pelo problema que elas apresentam. Não se trata de nada relativo ao Espírito ou a essas manifestações que atraem a atenção, e sôbre as quais não insistimos: as curas miraculosas, a glossolalia, os êxtases, e eventualmente as convulsões. Aqui não há nada desconhecido, anticristão ou antibíblico. Muitas outras denominações protestantes tiveram essas manifestações, nos seus primeiros tempos, e lamentam secretamente, não serem mais privilegiadas (82). Entretanto, tal como na Igreja Evangélica Brasileira, o papel da Bíblia aqui também parece bem pequeno. Os fiéis parecem considerá-la mais um livro de oráculos que se abre para encontrar a resposta do Espírito a uma questão ou a uma necessidade, do que o relato de uma Revelação que deve ser conhecida e meditada sistematicamente. As Escolas dominicais são substituídas pelos “cultos para menores”, cópia dos cultos comuns, com os três cânticos de início, os testemunhos, as orações (nas quais se manifestam os fenômenos de glossolalia), o sermão, novas preces e a bênção final. O conhecimento bíblico que as crianças possuem, reduz-se muitas vêzes a um certo número de passagens ou versículos particularmente comentados. Os próprios guias espirituais declaram, sem embaraço, que não leram tô-

---

(82). — O anseio por um “despertar” na piedade um pouco tradicional das antigas igrejas, é, muitas vêzes, expresso em seus jornais e em seus Conselhos: já citamos um artigo metodista que revelava êste desejo. Igualmente, no *Expositor Cristão* dessa denominação encontramos (n.º de 24-8-50) a notícia de uma cura devida à oração da igreja, notícia precedida destas linhas, de tom exatamente pentecostal: “Dizem os pessimistas, até mesmo no seio da Igreja, que já passou o tempo dos milagres, mas o fato que vamos narrar prova o contrário”.

da a Bíblia. Suas prêdicas, feitas apenas sob a inspiração do Espírito, sôbre textos que lhes são "dados" naquele momento, não são preparadas. Não possuem livro algum, nem jornal de edificação, nem cultura alguma religiosa, considerando ilegítima tôda literatura humana — o que é para êles, aliás, motivo de glória — o mesmo acontecendo com todos os seus fiéis. Pode-se dizer que todos os conhecimentos bíblicos mais ou menos sistemáticos que existem nas Congregações, provêm de prosélitos recrutados nas denominações protestantes. Felizmente êles são numerosos, pois certas comunidades evangélicas perdem importantes frações que passam para a comunidade vizinha.

Felizmente...; essa não é a opinião dos pastores dessas comunidades. Que êles olhem, entretanto, um pouco além de seus efetivos. O movimento "glória" é um fato, e fato considerável, que possui, certamente, centenas de milhares de batizados e simpatizantes. Por importante que seja o recrutamento entre protestantes, a grande maioria dêles provêm de meios católicos, e dêsses meios proletários perante os quais não se encontram muito comodamente, não obstante tôda sua boa vontade. Há, aqui, um grande problema. Essas almas serão abandonadas apenas às manifestações do Espírito, num conhecimento insuficiente da Revelação, da Bíblia e, através dela, do Salvador e de Sua Cruz?

Em caso afirmativo, é necessário lembrar que elas estão abandonadas a um perigo tão grande quanto o do espiritismo. Certamente, as Congregações Cristãs são dirigidas (ainda que essa palavra seja, para elas, uma blasfêmia) atualmente, por homens de grande valor, profundamente cristãos, e de vontade firme, o que as salva, do mesmo modo que à Igreja Evangélica Brasileira, das tentações da loucura ou da possessão. Mas esta direção e orientação podem desaparecer aqui ou lá, principalmente nas dissidências, cujos membros serão abandonados, sem bases bíblicas, a todos os perigos da inspiração pessoal e do fanatismo de algum mentor improvisado. Foi o que infelizmente aconteceu, recentemente, numa pequena comunidade, a "Irmandade Evangélica Apostólica de Jesús Cristo", que acaba de tornar-se tristemente célebre por um homicídio ritual (83).

É certo que o pentecostismo, em nenhuma de suas formas nada teve a ver com êsse acontecimento, mas outras Igrejas protestantes, tradicionais, e bem sábias, julgaram-se no dever de darem explicações a seu público. Revelaram que um preto africano, João Pedro Gomes, membro da Igreja Fluminense do Rio, tendo sido excluído "por crime de heresia", ou melhor — como adiante veremos — de iluminismo, foi semear suas idéias nas comunidades

---

(83). — Ver o Diário da Noite de São Paulo de 16-5-50, o Cruzeiro de 10 e 17-6-50, o Cristão congregacionista de 15/31 e o Expositor Cristão metodista de 22 do mesmo mês.

congregacionalistas e estabeleceu uma "irmandade" entre os membros da comunidade de Mazomba. Mas as outras denominações não estavam a salvo. Foi assim que se estabeleceu em Belisário, localidade do município de Muriaé, no sul do Estado de Minas, recrutando aí a maioria de seus adeptos locais, na comunidade metodista. As autoridades dessa denominação em vão tentaram disputar-lhe êsses prosélitos, acabando por excluí-los. Êles conseguiram mais adeptos, reduziram a comunidade metodista de Belisário a alguns poucos membros, e construíram uma capela, onde praticavam, ao que parece, um culto baseado na inspiração, rejeitando qualquer texto que não a Bíblia, e fazendo predominar o Espírito. João Pedro Gomes deixou a localidade e mais tarde, morreu. O grupo de Belisário, que ficou sob a direção de um de seus mais fanáticos fiéis, tomou como diretor um jovem considerado anjo do Senhor e canal das direções do Espírito. A imprensa narrou o resto: como a esposa de um dos fiéis, semi-demente, foi submetida a sessões de exorcismo e finalmente morta a golpes de salto de sapato sobre a cabeça pelo "anjo" e seus companheiros, persuadidos de que, possuía, era necessário esmagar nela a cabeça da serpente, conforme o texto do Gênesis. Ela deveria, aliás, ressuscitar no terceiro dia...

Êste episódio, em si, que recorda a história da Pedra Bonita dos sebastianistas e a dos Muckers de São Leopoldo, não tem interesse particular no que se refere aos pormenores do drama. Entretanto, nas narrativas dos repórteres ou no exame de seus artigos, nas figuras dos infelizes que devem, agora, responder por êsse crime, ou de seus irmãos de outra "irmandade" há algo em que meditar. Figuras e declarações de valentes habitantes do sertão. O culto narrado por um desses repórteres parece ser aquêle que praticaria não importa que "crente" dessa condição. E a empresa de dois alucinados arrastou alguns desses corajosos sertanejos a um crime, que, aliás, não consideravam crime. "Nós não compreendemos o que se passou", dizem os outros. E as Igrejas das quais vieram exortam-nos em vão. "Infelizmente — escreve um cronista do *Cristão* — há vários irmãos, alguns bem intencionados, que ainda fazem parte da "Irmandade Evangélica Apostólica de Jesús Cristo". A êsses irmãos aconselhamos: "Saí do meio dela, antes que seja tarde demais".

"Saí do meio dela": o conselho é muito simples, por parte de uma Igreja, e de Igrejas que possuem sua parte indireta de responsabilidade nesse drama, pois são antigos fiéis seus que caíram nessa loucura. Não seria melhor dizer a êsses "irmãos bem intencionados": "Refleti, retomai vossas Bíblias, e já que estais entre pobres pessoas cujo pensamento é menos forte que a fê, exercei sobre elas a ação que ainda não exercestes. Fazei prevalecer a Revelação Escrita sobre as revelações individuais"?

Que isso não seja impossível, que um movimento de boa vontade mas de frágeis bases nas Escrituras possa ser recuperado, que a Bíblia possa estender-se e ganhar a supremacia num meio espiritual onde reinava antes a inspiração: essa é a história da conquista, pelo protestantismo, de tôdas as comunidades de iluministas, a começar pelos *quakers*. E será, no protestantismo brasileiro de hoje, a de uma pequena denominação, com cuja menção terminaremos êste livro.

Quarenta anos depois que o Dr. Miguel Vieira Ferreira fundou sua Igreja no Rio, um preto, Marcos Batista, lançava em São Paulo as bases de uma comunidade de concepções bastante semelhantes. Saira de uma Igreja Batista à qual criticava, pelo liberalismo teológico de muitos de seus pastores e sua tolerância em matéria de cabelos, enfeites, unhas e vestes das senhoras da igreja. Sonhando com uma comunidade de "santos", criou uma que não possuiria nome, e seria apenas a Igreja de Nosso Senhor Jesús Cristo. Recrutada nos meios mais humildes de São Paulo, e tendo adotado o sistema congregacionalista, teve ela inúmeros pastores até que, em 1948, escolheu como "ministro geral" diretor dos pastores de algumas congregações que formara em outros lugares, um antigo pintor chamado José Moreira da Silva, e que também fôra convertido por meio de visões enquanto cumpria uma longa pena na Prisão Central de Curitiba. Esta experiência admirável, e extraordinária que o transformara em cristão e "pescador de homens", teria podido influir sôbre seu ministério, no sentido do iluminismo. Sentira êle, entretanto, a necessidade de uma instrução teológica, e foi buscá-la no Curso José Manuel da Conceição, destinado à preparação de pastores cuja vocação se manifesta tardiamente. Todo seu passado espiritual, entretanto, o levava a dar importância especial ao batismo pelo Espírito Santo, pelo que foi rejeitado pelas denominações protestantes hostis ao pentecostismo. Suas necessidades intelectuais e sua estadia no Curso José Manuel Conceição desviavam-no de uma adesão pura e simples a êsse movimento. Encontrando a Igreja de Nosso Senhor Jesús Cristo a ela se filiou, tornando-se rapidamente seu ministro geral. Desde então tôda sua ação nesse meio era exercida no sentido de desenvolver o conhecimento da Bíblia, e pondo têrmo às suas limitações primitivas (o Velho Testamento era, anteriormente, excluído) e espiritualizando uma piedade demasiado literalista: as preces em comum durante os cultos eram proibidas, porque Cristo recomendara que cada um se retirasse ao seu quarto para orar; sob a ação do novo ministro geral foram elas readmitidas, sob o nome de "súplicas" e de "ação de graças". Ao mesmo tempo, aquêle que tem direito ao nome de Rev. José Moreira da Silva aproxima sua denominação (84) das

---

(84). — Um milhar de membros professos espalhados em doze comunidades do Estado de São Paulo, (uma das quais com 300 membros, na Capital), uma em Belo-Horizonte e outra em Águas Claras (Mato-Grosso).



grandes Igrejas, principalmente fazendo-a trabalhar com elas ao ar livre. Pequeno exemplo que nos parece significativo, de um homem e de uma comunidade que poderiam ter resvalado para caminhos perigosos mas que, sem abandonar sua ligação particular com o Espírito, sabem nutrir-se na Bíblia e encontrar na Revelação uma defesa contra as fantasias da inspiração individual.

Cabe ao protestantismo brasileiro solucionar os problemas apresentados pela existência, nos meios proletários, de movimentos espirituais como o das Congregações Cristãs. Se não quiser ou não julgar necessário ocupar-se deles, eles correrão o risco de cair na extravagância e depois na indiferença religiosa. Ou então, através de seus próprios trãnsfugas e por meio de uma simpatia amistosa, exercerá sua ação ensinando-os a dar a primazia à Bíblia. E então, os velhos problemas das velhas Igrejas não mais importarão, pois todo um novo povo virá ao seu encontro.

São Paulo, 18 de setembro de 1950.

*ÉMILE-G. LÉONARD*

Antigo professor da Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Diretor de estudos na Escola de Altos-Estudos — Ciências Religiosas (Paris).